O ECO
Jornal da Ilha Grande

Agosto de 2021 - Edição 268 - Ano XXII

Abraão, Ilha Grande, Angra dos Reis - RJ

OS ENCANTOS DO SUL DO BRASIL

Viajamos por diversas cidades e descobrimos lugares incríveis!

Fotos: Raissa Jardim/Rafael Meireles

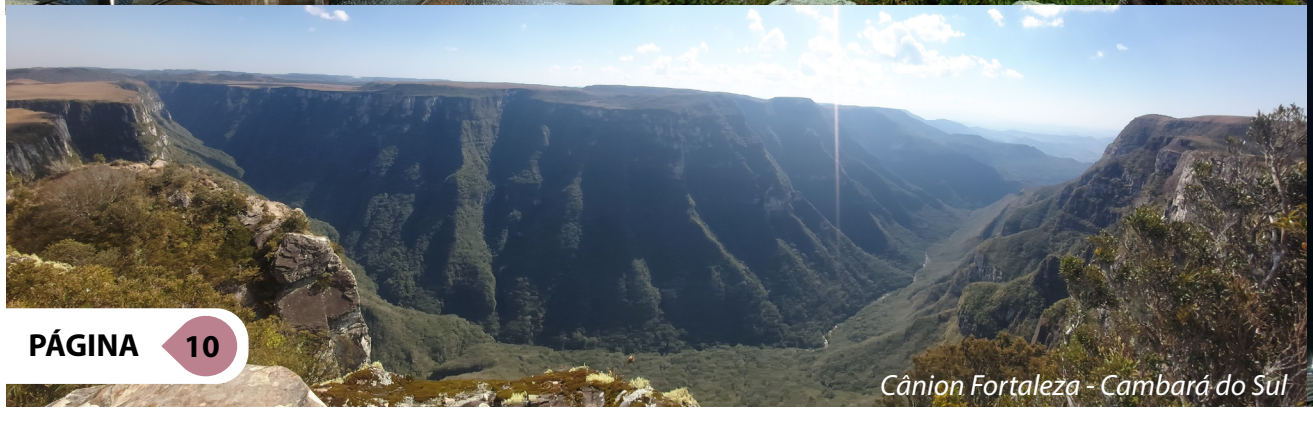

Parreirais em Bento Gonçalves

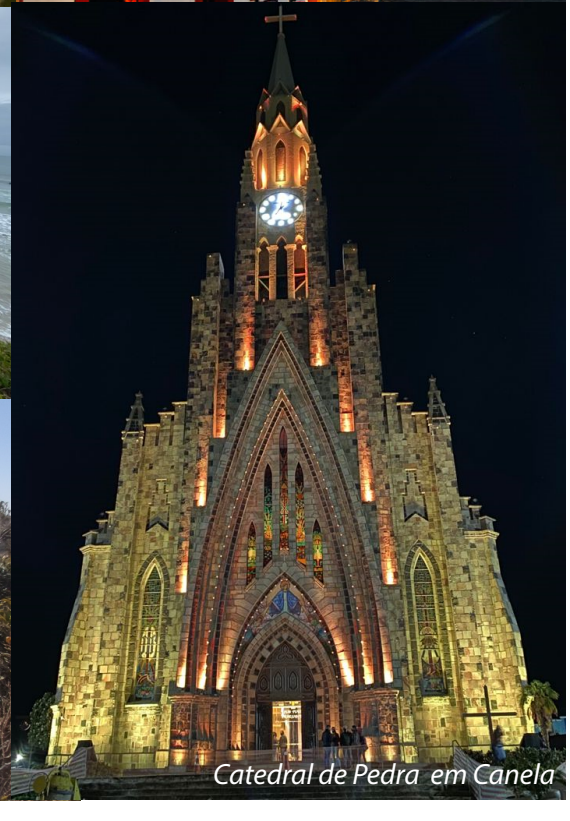

Cascata do Caracol em Canela


Construções açorianas em Florianópolis


Museu de pedras em Ametista


Praia do Matadeiro em Garopaba


Cânion Fortaleza - Cambará do Sul


Catedral de Pedra em Canela

PÁGINA 10

QUESTÃO AMBIENTAL

A CURIOSIDADE (DOS OUTROS) MATOU A HARPIA

PÁGINA 03

COISAS DA REGIÃO

COMUNICADO AMA

PÁGINA 18

TEXTOS

CRIME E CASTIGO

PÁGINA 22

DIRETOR EDITOR: Nelson Palma
CHEFE DE REDAÇÃO: Núbia Reis
CONSELHO EDITORIAL: Raissa Jardim, Núbia Reis.
DIAGRAMAÇÃO: Raissa Jardim

DADOS DA EMPRESA:
Palma Editora LTDA.
Rua Amâncio Felício de Souza, 110
Abraão, Ilha Grande-RJ
CEP: 23968-000

CNPJ: 06.008.574/0001-92
INSC. MUN. 19.818 - INSC. EST. 77.647.546
Telefone: (24) 3361-5410
E-mail: oecojornal@gmail.com
Site: www.oecoilhagrande.com.br

As matérias escritas neste jornal, não necessariamente expressam a opinião do jornal. São de responsabilidade de seus autores.



EDITORIAL

A GUERRA DOS PODERES

- Opinião

No mês passado escrevi sobre o quanto os poderes desarmonizam a sociedade imponde-lhe o que ela não aceita.

- Visto por grande juristas e grande número de advogados o Supremo governa o Brasil atropelando os outros poderes. Ele legisla, advoga, acusa, defende e julga as causas defendendo suas ideias no campo político, não jurídico. O povo não aceita isso, tonando-se veemente crítico do Supremo e veem o Supremos querendo ter os demais poderes como seus súditos. Com exceção da grande imprensa, o restante de editores menores, rasgam a ética e partem com tudo contra o Supremo de forma nunca vista. Na visão geral, a população entende que o alvo é o Executivo, não aceitando, parte em apoio do Presidente da República a qualquer custo e o presidente defendendo que o poder emana do povo, se expõe duramente enfrentado o Supremo.

Na visão de qualquer crítico, não contaminado por paixões político-partidárias, analisaria como provocação de um conflito que levaria ao caos, como se observa que já está indo. Entende também o povo, em seu maior número, que com poderes em conflito, não há governo que governe e tampouco não haverá sustentabilidade para o país. O país irá a falência.

Bem, neste "diapasão" o Supremo está conseguindo algo inédito: unir as diversas corrente do povo, seja direita ou esquerda, mas contra ele mesmo. Suas decisões não são aceitas e isso engrossa as fileiras em apoio ao Presidente da República. Dessas "escaramuças políticas e jurídicas", observa-se que nada bate com o comportamento no mundo. No mundo os movimentos sociais ou políticos, são sempre contra o governo, aqui são a favor para o que der e vier. Sempre vimos que os movimentos para derrubar um governo partiram do povo, aqui partem de um dos poderes, atropelando o governo e o povo juntos. Entendo que é um contrassenso, pois a vítima é o país e seu povo. A constituição obriga a harmonia entre os poderes, não a imposição da vontade a qualquer custo. Sou uma pessoa esperançosa, mas não consigo ver dias melhores no porvir. "Seria mais fácil se unirem e comerem o feno em forma de cooperativa". Desculpem, mas não consigo ver a Suprema Corte como agregadora. O interesse de paz não existe e o povo poderá ir a loucura, por estar cansado de "patinar no lodo".

O EDITOR

Sumário

03 QUESTÃO AMBIENTAL
10 INFORMATIVO O ECO
17 INFORMATIVO O ECO
18 COISAS DA REGIÃO
21 TEXTOS, NOTÌCIAS E OPINIÕES
24 EVENTOS
25 COLUNISTAS
26 INTERESSANTE

Este jornal é de uma comunidade. Nós optamos pelo nosso jeito de ser e nosso dia a dia, portanto, algumas coisas poderão fazer sentido somente para quem vivencia nosso cotidiano. Esta é a razão de nossas desculpas por não seguir certas formalidades acadêmicas do jornalismo. Sintetizando: "É de todos para todos e do jeito de cada um"!

A CURIOSIDADE (DOS OUTROS) MATOU A HARPIA

Pesquisa realizada no norte de Mato Grosso registrou 148 abates de harpias em apenas dois anos por moradores rurais "curiosos" em ver de perto a maior ave de rapina do Brasil

Por Duda Menegassi, Oeco.org

Uma harpia, a maior ave de rapina que ocorre no Brasil, é um animal belo e imponente. Um indivíduo pode medir até 1 metro de altura e 2 metros da ponta de uma asa a outra. Não à toa, são predadores de topo de cadeia e é de fato do alto da floresta que observam suas presas. O que as harpias não sabem é que do chão, uma outra criatura a observa, o bicho-homem. E movido por uma letal "curiosidade" diante deste animal tão poderoso e ainda assim tão vulnerável e exposto na copa das árvores, este tal bicho-homem dispara sua espingarda. Uma, duas, quantas balas forem necessárias para levar a ave ao chão e à morte. O corpo abatido da maior ave de rapina brasileira é então observado e exibido em foto pelo homem que, para matar sua curiosidade, matou uma harpia. E assim, mais de uma centena de curiosos, mataram 148 harpias num período de dois anos no norte do Mato Grosso.

Esta situação dramática foi identificada por um trio de pesquisadores que se propôs a analisar a relação entre proprietários de terra e a maior ave de rapina do Brasil, a harpia (Harpia harpyja), e os motivos que os levavam a abater estas aves. O estudo aplicou questionários entre os moradores de áreas rurais situados ao norte de Mato Grosso, no Arco do Desmatamento, na Amazônia, entre 2015 e 2016. Os resultados revelados pela pesquisa estão disponíveis em artigo publicado nesta na terça-feira (03) no periódico científico Animal Conservation, assinado pelos três pesquisadores: Everton Miranda e Colleen T. Downs, ambos da Universidade de KwaZulu-Natal, na África do Sul, e Carlos Peres, da University of East Anglia, do Reino Unido.



Harpia abatida por pecuaristas no norte de Mato Grosso. Foto: Everton Miranda, acervo pessoal.



Harpia abatida por pecuarista no norte de Mato Grosso. Foto: Everton Miranda, acervo pessoal.

O levantamento chegou à espantosa conclusão de que, das 181 harpias abatidas pelos proprietários entrevistados para o trabalho, 148 delas (80,5%) haviam sido mortas pela "curiosidade" dos moradores, não familiarizados com a espécie. As outras 33 mortes estavam associadas à retaliação pela predação da harpia em animais de criação como porcos e galinhas, ou domésticos, como cães e gatos.

"Eu queria ver de perto" e "eu nunca tinha visto um gavião desse tamanho" foram algumas das respostas dadas pelos proprietários rurais aos pesquisadores sobre o porquê abateram a harpia. "A população que ocupa ali a região do Arco do Desmatamento está dividida entre os migrantes que vieram do sul na década de 70 estimulados pela política do governo militar de ocupar a Amazônia, e os assentados. E eles não têm familiaridade com a harpia e a matam de forma tão fútil", avalia Everton Miranda, que também é pesquisador do The Peregrine Fund.

A taxa é altíssima, especialmente quando considerada a baixa densidade populacional das harpias, com 8 a 12 indivíduos por 100km^2. Além disso, são aves com uma reprodução lenta, que gera apenas um filhote a cada 2 ou 3 anos.

A partir de 2017, já com os números pre-

ocupantes nas mãos que indicavam uma taxa média de abate de 90 harpias por ano apenas do norte do Mato Grosso, o que poderia levar a espécie a desaparecer da região num futuro próximo, Everton Miranda decidiu que, antes mesmo de concluir sua pesquisa, precisava agir. "Quando terminamos esses formulários e a amostragem estava pronta, começamos uma parceria com uma empresa de turismo através do qual as pessoas vêm visitar a região para observar a harpia. E o dono da área onde é feito o avistamento da ave recebe um retorno financeiro por isso. Isso mudou a opinião das pessoas sobre a espécie muito depressa. Além disso, instituímos uma recompensa de 500 reais para qualquer pessoa que encontrar um ninho de harpia e reportar para gente", explica Miranda, em referência ao projeto Construindo uma Estratégia para Conservação da Harpia na Amazônia, coordenado por ele.

"A forma mais certeira de impedir que alguém destrua qualquer recurso natural é dando a essa pessoa um incentivo econômico para isso. É mais efetiva porque, independente do quanto aquela pessoa respeita ou está convencida da importância daquela espécie, ela verá um incentivo palpável para deixar aquela floresta de pé ou não perturbar um ninho de harpias", acrescenta o pesquisador. De 2017, quando a iniciativa de turismo começou, até a eclosão da pandemia – que comprometeu as atividades turísticas – o projeto recebeu em média 100 a 120 turistas por ano, todos eles estrangeiros.



Harpia oferece parte de um galo ao filhote. Alta Floresta, Mato Grosso. Foto: Robson Silva e Silva

A iniciativa deu frutos. Nos cinco anos desde que começou o projeto para valorizar a presença das harpias e mudar a percepção dos moradores sobre ela, Everton comenta que registrou em relatos colhidos informalmente apenas três abates de harpias na região. "Claro que o número pode ser maior, mas acredito que é um bom indicador de que de fato pararam a matança que estava ocorrendo de harpias", reforça. O pesquisador tem a perspectiva de refazer a pesquisa no futuro e ampliar o escopo para outras comunidades e assentamentos onde não foram, "para ver se o efeito do turismo e da oportunidade financeira com a harpia chegou até lá", comenta.

Os pesquisadores também se debruçaram sobre os fatores por trás da intenção daqueles proprietários que admitiram que matariam uma harpia novamente. De acordo com o levantamento, é sobretudo nas pequenas propriedades de assentamentos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) que as pessoas afirmam que matariam harpias novamente. O motivo: retaliação. Dentre os proprietários que afirmaram que matariam novamente as aves, 47,9% relataram a perda de galinhas para as águias, 22,4% a perda de cabritos, 18,2% de leitões, 8,3% de carneiros, 2,1% de cães e 1% de gatos. O consumo de animais domésticos foi registrado majoritariamente em propriedades de menor porte, o que explicaria o sentimento de hostilidade à espécie dessa categoria fundiária.



Turistas fotografam harpia em Paranaíta, Mato Grosso. Foto: SouthWild.

O projeto também reembolsa financeiramente os proprietários que relatam casos de predação de animais de criação, como porcos e galinhas, justamente para evitar esse sentimento de "sede de vingança" entre eles.

"Como se tratam múltiplas espécies de pequeno porte, não existe meio possível para você ensinar pros caras uma metodologia em que a harpia não vai pegar os animais. E ao contrário do que acontece com o gado, os animais de criação têm um valor muito modesto, então não dá pra gastar uma grana construindo galinheiro, se a galinha vale tão pouco. Então a gente orienta as pessoas a entrarem em contato com o projeto e a gente ressarce, que é um valor pequeno. E agora, como existe a remuneração por ninho, quando há predação, os moradores já vão atrás dos ninhos para mapear para nós", conta o pesquisador brasileiro.

Miranda acredita que os caminhos para conservar a harpia não apenas no Mato Grosso, mas ao longo de todo o Arco do Desmatamento, na Amazônia, é investir em ações educativas e de conscientização voltadas para os sitiantes, e oferecer meios para que as pessoas conheçam a espécie. Para isso, integrar as harpias na economia local é estratégico, afirma o pesquisador: fazer elas valerem mais vivas do que mortas.

POR QUE AS BALEIAS DO ALASCA ESTÃO TÃO CONTENTES

Por Antony Zurcher, BBC News



'Silêncio' provocado pela pandemia permitiu que pesquisadores estudassem os mamíferos em ambiente que há mais de um século não existia mais - BBC Getty Images

A pandemia de covid-19 interrompeu o turismo no Alasca no ano passado. O que será que vai acontecer com a majestosa baleia-jubarte quando os navios de cruzeiro e os visitantes retornarem em agosto? Christine Gabriele senta à sua mesa na sede do Parque Nacional de Glacier Bay em Gustavus, no Alasca, e aumenta o volume do computador.

O som de água borbulhante envolve a sala. A calmaria é ocasionalmente pontuada pelo rugido de uma foca-comum macho, tentando impressionar parceiros em potencial. O computador de Gabriele está na ponta de um cabo subaquático de oito quilômetros que se estende até as águas geladas da baía, uma reserva nacional repleta de peixes, pássaros, lontras marinhas, golfinhos, focas apaixonadas e a atração da área — centenas de baleias-jubarte, que migram para o Alasca das águas da costa do Havaí durante os meses de verão.

O que tem sido notável nos últimos 18 meses é que ela não tem ouvido tantos navios. Durante um verão normal, a Glacier Bay e a área circundante apresentam um tráfego intenso, à medida que embarcações de todos os tamanhos, desde enormes navios de cruzeiro de 150 mil toneladas até barcos menores de observação de baleias, navegam em suas águas como parte da forte indústria de turismo do sul do Alasca. A pandemia de covid-19 suspendeu tudo isso repentinamente. Em 2019, mais de 1,3 milhão de pessoas visitaram o Alasca em navios de cruzeiro. Em 2020, foram 48 — nem sequer o suficiente para encher um vagão do metrô de Nova York.

O tráfego marítimo na Glacier Bay como um todo caiu cerca de 40%. São necessários cerca de alguns minutos ouvindo o áudio suave do hidrofone em uma manhã de quinta-feira, no fim de maio, até escutar vestígios de atividade humana — neste caso, o "gemido" agudo da hélice de um pequeno barco. De acordo com um estudo conduzido por Gabriele e Michelle Fournet, pesquisadora da Universidade Cornell, nos EUA, o nível de som artificial em Glacier Bay caiu drasticamente em relação aos níveis de 2018, especialmente nas frequências mais baixas geradas pelos enormes motores dos navios de cruzeiro.

Os níveis máximos de som caíram quase pela metade. Tudo isso proporcionou aos pesquisadores uma oportunidade sem precedentes de estudar o comportamento das baleias em um tipo de ambiente silencioso que não existia na área há mais de um século. Ao analisar dados dos hidrofones e levar um pequeno barco do parque à Glacier Bay três vezes por semana para fotografar e identificar as baleias, Gabriele já notou mudanças. Ela comparou a atividade das baleias antes da pandemia ao comportamento humano em um bar lotado. Elas falavam mais alto, ficavam mais próximas e mantinham uma conversa simples.

Agora, as jubartes parecem estar dispersas por áreas maiores da baía. As baleias podem ouvir umas às outras ao longo de cerca de 2,3 km, em comparação com distâncias menores, de 200 m, antes da pandemia. Isso permitiu que as mães deixassem seus filhotes brincando enquanto nadavam para se alimentar. Alguns foram observados tirando

sonecas. E os cantos das baleias — os gritos e estalidos fantasmagóricos pelos quais as criaturas se comunicam — se tornaram mais variados.



Antes da pandemia, as baleias ficavam mais próximas umas das outras Imagem: BBC Getty Images.

No meio da Glacier Bay, em um barco do parque, era fácil ver por que a área é uma atração turística. A água verde jade é cercada de três lados por penhascos íngremes, cachoeiras abastecidas por geleiras e picos cobertos de neve. As próprias baleias-jubarte são majestosas. Elas borrifam uma névoa com uma urgência sonora conforme sobem à superfície para respirar, então exibem suas enormes caudas triangulares — cada uma tão única quanto uma impressão digital — antes de retornar às profundezas.

Se os visitantes tiverem sorte, podem testemunhar um espetáculo — uma baleia saltando da água em uma incrível apresentação de acrobacias de cetáceos, antes de cair de volta na água. Só assim o tamanho extraordinário da criatura pode ser verdadeiramente apreciado. Tudo isso pode ser visto de barcos baleeiros menores ou de navios de cruzeiro luxuosos, onde os passageiros fazem refeições suntuosas enquanto seus hotéis flutuantes navegam pelas águas profundas da baía até a borda de geleiras enormes. Gabriele reconhece que a calmaria provocada pela covid no turismo foi apenas temporária.

Ela diz que espera que sua pesquisa — e os esforços de longa data para controlar o tráfego de navios na Glacier Bay — permitam alcançar um equilíbrio entre o meio ambiente e o desejo humano de testemunhar e ser inspirado pela grandiosidade da natureza. Se as baleias estavam desfrutando de uma relativa calma e sossego, não eram as únicas. "Costumava ser assim, você podia simplesmente sair de casa e ficar tranquilo na natureza", afirma Karla Hart. Mas a indústria do turismo acabou com esse idílio. Hart mora em Juneau, a capital do Estado e capital de fato da indústria de navios de cruzeiro do Alasca, a cerca de 80 quilômetros de Glacier Bay, de voo de hidroavião.

Durante uma temporada típica de turismo — quando os navios de cruzeiro chegam ao porto e dezenas de milhares de passageiros desembarcam —, os helicópteros de passeio turístico que passam por cima da sua casa dificultam até mesmo as conversas dentro da própria moradia. Os lockdowns, diz ela, deram às pessoas uma amostra de como Juneau poderia ser. "A pausa gigantesca que tivemos por causa da pandemia realmente deu uma oportunidade para as pessoas repensarem o que temos, o que precisamos e queremos", avalia.

Com a atividade turística suspensa em 2020, Hart e alguns amigos pensaram que seria um bom momento para recolher assinaturas para propostas eleitorais que limitariam os dias, horários e tamanhos dos navios de cruzeiro que poderiam parar em Juneau quando a pandemia acabar. Isso significaria tempos mais calmos em Juneau e nas águas habitadas por baleias que a cercam. Eles chamaram a iniciativa de "cruise control" ("Controle de Cruzeiros", em tradução literal).

Os esforços de Hart provocaram uma resposta rápida e enérgica da comunidade empresarial de Juneau, que depende fortemente do dinheiro que os navios de cruzeiro com turistas trazem para a cidade. Cartazes com o slogan "Proteja o Futuro de Juneau", pedindo aos moradores para não assinarem as petições, surgiram nas lojas. Podiam ser vistos colados nas paredes ou enfiados dentro de embalagens de entrega de pizza. Funcionários de lojas locais foram informados por seus gerentes de que as propostas ameaçavam seus empregos, conta Hart, e foram advertidos a não apoiá-las. Os donos de negócios viam a situação de forma diferente — principalmente devido ao momento da iniciativa, quando lojas e restaurantes estavam fechando as portas por falta de dólares dos turistas. "Essas pessoas deveriam nos apoiar, tentando nos tirar dos



Há cerca de 70 embarcações em Juneau e, no pico das operações, podem transportar até 100 passageiros cada. Imagem: BBC Getty

15 meses mais difíceis da minha vida", afirma Laura Martinson, dona da Caribou Crossings, uma loja de souvenires em frente ao terminal de cruzeiros de Juneau. "Todo mundo deveria ter uma chance justa de ser bem-sucedido em sua comunidade, não apenas as pessoas que já são e estão aposentadas e um pouco incomodadas com o resto de nós."

No fim das contas, a petição de Hart fracassou — ela não quis revelar quantas assinaturas faltaram —, deixando Martinson e o resto da comunidade empresarial de Juneau esperançosos de que o retorno dos navios de cruzeiro será sua salvação financeira. Se os benefícios — e custos ocultos — da indústria de navios de cruzeiro têm sido uma fonte de discórdia e preocupação em Juneau, há uma unanimidade rara do outro lado dos Estados Unidos. No Capitólio, democratas e republicanos fecharam um acordo em maio para permitir que navios de cruzeiro de bandeira estrangeira viajassem diretamente de Seattle para o Alasca, sem uma parada obrigatória anterior no Canadá, cujos portos foram fechados devido às restrições da covid-19. Quando o presidente americano, Joe Biden, assinou a Lei de Restauração do Turismo do Alasca em uma cerimônia fechada na Casa Branca, a secretária de imprensa, Jen Psaki, anunciou o feito como um exemplo do "trabalho bipartidário essencial" que o Congresso pode fazer. "A legislação é positiva em nossa opinião porque ajuda a revigorar uma indústria que responde por um grande número de empregos no Alasca — empregos que ficaram suspensos no ano passado", disse ela.

A iniciativa foi uma das poucas conquistas bipartidárias dos primeiros meses do governo Biden. Em conversa com a BBC, em Anchorage, o senador Dan Sullivan, do Alasca, descartou as preocupações de grupos ambientalistas sobre a indústria de cruzeiros. "Eles querem que este Estado se transforme em um parque nacional gigante", afirmou o republicano. "Estamos sempre tentando equilibrar as salvaguardas ambientais com a oportunidade de fazer nossa economia crescer e empregar nossos cidadãos — e é um equilíbrio no qual somos muito bons."

Com os obstáculos legais fora do caminho, as principais linhas de navios de cruzeiro começaram a retornar ao sudeste do Alasca com um cronograma reduzido para 2021. O primeiro navio da Royal Caribbean, o Serenade of the Sea, para 2.580 passageiros, chegou em julho. Os cruzeiros da Holland America, Celebrity, Princess, Norwegian e Carnival estão programados para as próximas semanas — totalizando dezenas de milhares de turistas que chegam no mês de agosto.

Martinson, dona da loja de souvenires em Juneau, já estava planejando quantos balões colocar para os visitantes do cruzeiro. Para outras empresas, a temporada turística abreviada pode não ser suficiente. Holly Johnson é dona de uma empresa de hidroaviões que transporta turistas de cruzeiros do centro de Juneau para um alojamento próximo a uma enorme geleira. Em um verão normal, ela opera nove voos para 50 pessoas por dia. Neste ano, ela decidiu que os custos de seguro e os riscos de cancelamentos devido ao clima eram grandes demais para operar com um cronograma resumido.

Ela diz que estará de volta no próximo ano — mas a suspensão das atividades vai assombrá-la até lá. "Nossa economia se foi, nosso negócio que sustenta um ano de funcionários e receitas se foi", diz ela. "É inconcebível." Os barcos de observação de baleias farão um retorno mais rápido. Há atualmente cerca de 70 embarcações em Juneau e, no pico das operações, podem transportar até 100 passageiros cada, com 10 a 15 barcos se reunindo em torno de uma baleia ou grupo de baleias ao mesmo tempo.

Embora os barcos sejam impedidos de chegar a menos de 90 metros das baleias, o grande número na água significa que as jubartes, às vezes, se aproximam. E, além disso, as restrições voluntárias são apenas isso — voluntárias.

"É a tragédia clássica dos comuns", diz Heidi Pearson, professora de biologia marinha da Universidade do Sudeste do Alasca, a poucos quilômetros de Juneau. "Não quero negar a ninguém a chance de ver uma baleia-jubarte, mas acho que precisa ser feito com cuidado e de forma sustentável." Pearson está conduzindo sua própria pesquisa sobre a saúde das baleias ao redor de Juneau — antes, durante e depois da interrupção dos cruzeiros imposta pela covid-19.



Pearson está pesquisando a saúde das baleias em Juneau. Imagem: BBC Getty Images

Ela está colhendo amostras e analisando a quantidade de cortisol, hormônio liberado pelo estresse, no sangue dos animais. Ela planeja anunciar suas descobertas sobre o estresse das baleias em dezembro, quando os dados poderão servir como complemento para a pesquisa de Gabriele no ambiente sonoro marinho do Alasca. Os estudos têm o potencial de fornecer evidências tangíveis sobre o impacto do turismo nas baleias — e, talvez, um alerta sobre a ameaça que a atividade humana pode ter sobre alguns dos maiores mamíferos do mundo.

"O turismo é importante para a economia de Juneau e adoramos compartilhar este lugar com outras pessoas", diz ela. Mas "não é bom para ninguém — as baleias, as empresas de observação de baleias ou os conservacionistas — se as baleias sentirem muita pressão e forem embora".

CHUVA EM LUGAR QUE NUNCA CHOVEU ANTES? GROENLÂNDIA EM ALERTA

O ponto mais alto da Groenlândia e que nunca havia registrado chuva antes fica a 3.216 metros de altitude. Especialistas alertam para mais um fenômeno resultado do aquecimento global.

Por Amanda Souza, Tempo.com



Groenlândia - enormes icebergs de diferentes formas no golfo. Estudo de um fenômeno de aquecimento global e descongelamento catastrófico de gelos.

Como pode chover em um lugar que nunca havia chovido antes? Isto aconteceu no ponto mais alto da Groenlândia na última quarta-feira (18).

O evento nunca antes registrado acendeu mais um alerta sobre o aquecimento global segundo cientistas do centro de Dados Nacional de Neve e Gelo dos Estados Unidos.

"A camada de gelo está sendo aquecida de forma constante, e com isso já apresenta derretimento em ritmo crescente." Indrani Das, glaciologista do Observatório Terrestre Lamont-Doherty da Universidade de Columbia relata que a precipitação registrada não é um bom sinal para um manto de gelo, e que a água no gelo é ruim, pois torna a camada congelada mais propensa a derreter

.

Condições atmosféricas

A chuva aconteceu no ponto mais alto da Groenlândia, que fica a 3.216 metros de altitude. Mas se nunca havia chovido antes, quais eram as condições da atmosfera para que isso tenha ocorrido pela primeira vez na história?

O aquecimento global existe e não é de hoje, suas causas e consequências são discutidas ao redor de todo o mundo há muito tempo. No entanto, as medidas de controle e especialmente de diminuição não estão sendo muito eficazes.

Para este evento em específico, as condições do clima foram ponto chave para um acontecimento histórico. A região



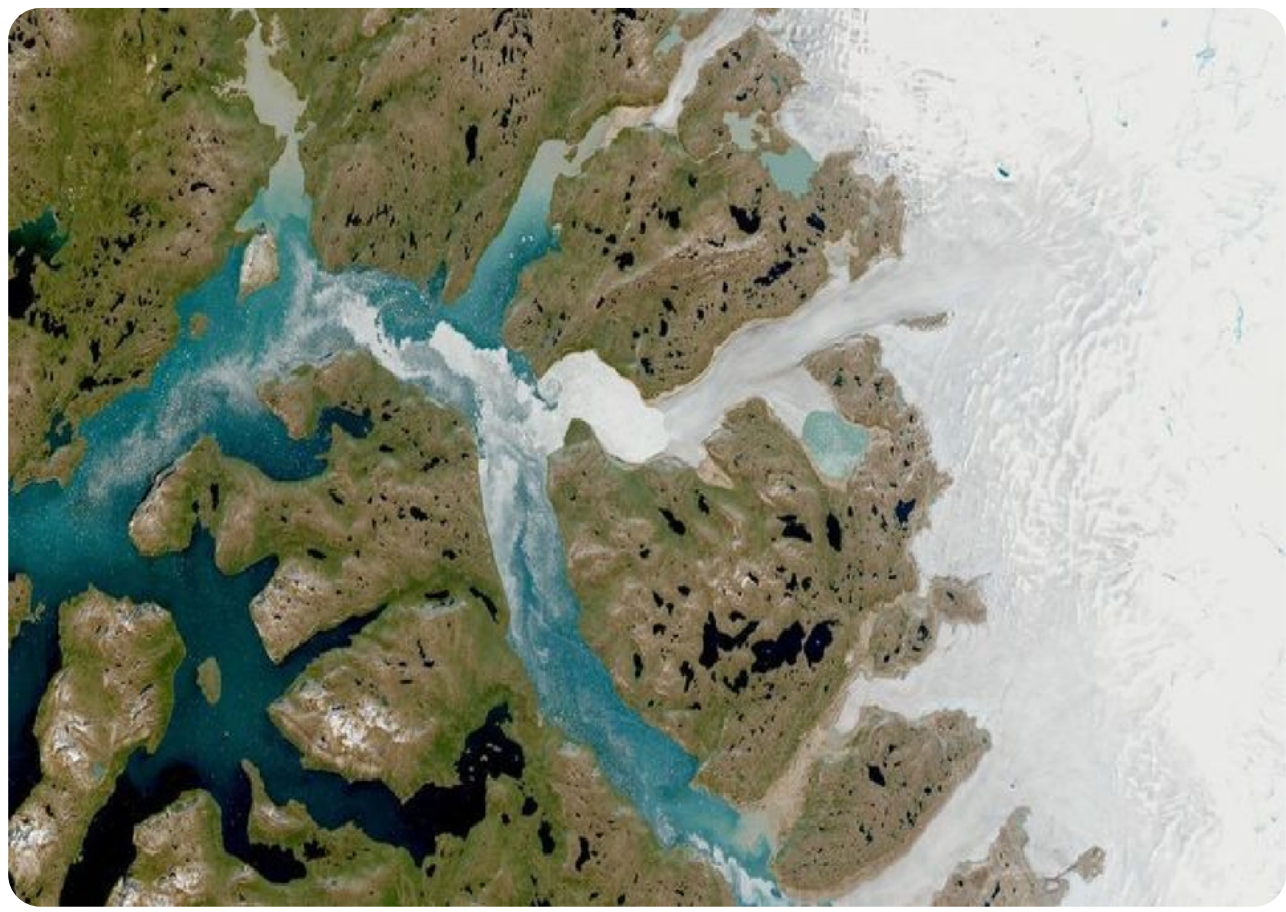
Degelo na baía de Disko, na Groenlândia — Foto: Ian Joughin/Universidade de Washington

registrou derretimento de gelo durante três dias consecutivos.

Segundo especialistas, a área derretida na superfície de gelo passou de 870 mil quilômetros quadrados no sábado (14) e continuou aumentando nos dias seguintes.

Inclusive, comparada a média para um mês de agosto, no domingo (15), a área de gelo perdida foi considerada sete vezes maior do que o normal.

No dia da precipitação, quarta-feira (18), as temperaturas ficaram acima de zero grau Celsius em um período de nove horas, o que é considerado totalmente fora do normal para a localidade, eis que choveu em um lugar que nunca havia chovido antes.



Água da camada de gelo escoando para o oceano. DIVULGAÇÃO/SATÉLITE DA GROENLÂNDIA/REUTERS - 29.7.2021

O que acontece com o gelo derretido

Uma vez que a camada de gelo derrete, a água escoa para o oceano fazendo com o que nível do mar suba.

NASA afirma que inundações aumentarão até a década de 2030, e que isso está ligado às prováveis consequências do aquecimento global. Com o aumento das marés, a oscilação na órbita da Lua deve provocar mais inundações.

O derretimento da camada de gelo da Groenlândia já causou cerca de 25% do aumento do nível do mar em todo o globo nas últimas décadas, aliás, vale ressaltar que a camada congelada é a segunda maior do mundo depois da Antártica.

Cientistas afirmam que o degelo faz com o que os oceanos subam em torno de um milímetro em média dentro do período de um ano. Inclusive, em julho de 2021, o gelo marinho polar atingiu sua menor extensão nos últimos 40 anos.



O conceito de uma cidade sendo recuperada pelo mar devido ao aumento do nível do mar e ao aquecimento global.

OS ENCANTOS DO SUL DO BRASIL

Viajamos por diversas cidades e descobrimos lugares incríveis!

Por Raissa Jardim e Rafael Meireles

Que o Brasil é um país maravilhoso, cheio de lugares diferentes, com características únicas, que agrada aos cosmopolitas e bucólicos todo mundo sabe, mas você já explorou por aí?

Nós do O Eco Jornal pegamos o carro, viajamos 20 dias pelo sul do país e vamos mostrar para vocês os encantos por onde passamos!

- Nossa aventura começou em Ametista do Sul/RS, cidade que leva esse nome devido a exploração da pedra preciosa, e é considerada a capital mundial da pedra ametista!

Com uma população de 7.400 habitantes, a cidade recebe turistas e compradores o ano todo! Lá vem gente do mundo inteiro para conhecer as atividades do garimpo e se maravilhar com as mais diversas formas e belezas das pedras encontradas.



Pirâmide exotérica na praça central



Mesa com base em ametista no Graimpo restaurante



Demonstração da atividade garimpeira

O extrativismo mineral é hoje responsável por 75% da economia do município, que já possui cerca de 60% de todo seu subsolo formado por galerias de exploração garimpeira, que começou "acidentalmente". O início da atividade extrativista foi feito por agricultores, que ao lavrar suas terras encontravam pedaços de pedras que possuíam brilho e cores muito diferentes das que conheciam decidiram comercializar. Com a crescente demanda dessas pedras ao redor do mundo após a segunda guerra mundial, esses agricultores começaram a explorar abaixo do solo dando início aos garimpos da região. Atualmente o principal mercado o qual toda essa produção é destinada é China e Estados Unidos.

Em Ametista do Sul, cada cantinho vai estar conectados a essas pedras, seja nos restaurantes, nos retiros espirituais, nas construções de casas e hospedagens, na praça da cidade e até mesmo vinícolas e cervejarias! Ametista possui a primeira micro cervejaria dentro de uma mina de garimpo do mundo!



Chopeira em pedra Ametista na Mina Beer

Se você já conhece o poder que essas pedras emanam com certeza vai amar este pequeno lugar, se não vai se apaixonar, pois é impossível não ficar deslumbrado pela beleza das pedras que são encontradas na região!

- De Ametista do Sul seguimos para Bento Gonçalves/RS.

A Capital brasileira do vinho oferece uma imersão na cultura imigratória, cercada de belíssimas paisagens!

Para que o Império do Brasil pudesse colonizar esta região com uma população europeia, foi prometido terras a milhares de imigrantes, de maioria italianos da região do Veneto, que vieram para Brasil e subiram a serra para desbravar uma área que ninguém conhecia ainda. Passaram por muitas dificuldades, mas conseguiram reverter seu sofrimento em uma economia forte voltada principalmente para a produção de uva e vinho. Atualmente é um dos munícipios mais populosos do Rio Grande do sul e um dos maiores polos industriais e turísticos do Brasil!

Começamos nosso roteiro pelo Vale dos Vinhedos, o principal destino de enoturismo do Brasil, onde conhecemos diversas vinícolas que são muito premiadas ao redor de todo mundo. Cada vinícola conta um pouquinho da fabricação de seus vinhos, de sua história, que vai se misturando com a história da cidade e do Brasil e dessa forma vai te envolvendo de uma maneira que torna toda a experiência única, com os parreirais de cenário ao fundo! Você pode não gostar de vinho, mas vai sair de lá com o gostinho da uva na boca!



Casa das Cucas Vitiaceri - Caminhos de Pedra



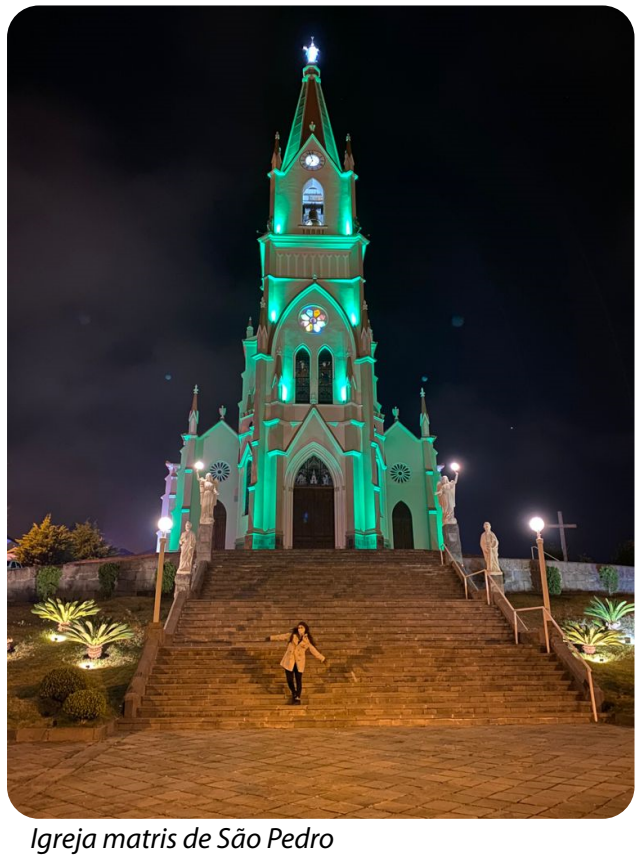
Toneis de madeira da vinicola Aurora

Os Caminhos de pedra te levam para uma viagem no tempo e te colocam para sentar-se à mesa das casas dos imigrantes. Com uma arquitetura do tempo da imigração, neste roteiro degustamos de tudo um pouco, massas, geleias, patês, queijos, salames, cucas e pães, tudo produzido ali, artesanalmente com sabores indescritíveis!

Ao lado de Bento Gonçalves está o município de Garibaldi, que é uma cidadezinha muito charmosa, com ruas calmas, um centro histórico que preserva as construções e casarões históricos, toda iluminada e é conhecida como a Terra do



Estação ferroviária de Bento Gonçalves



Igreja matris de São Pedro

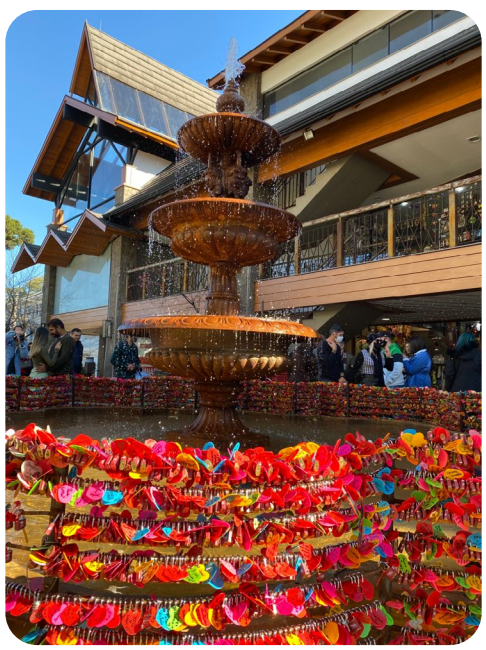
Espumante. Ali encontram-se diversas vinícolas muito importantes como M. Chandon, George Albert, Peter Longo entre outras!

- De Bento Gonçalves fomos para Gramado, Canela e Nova Petrópois/RS.



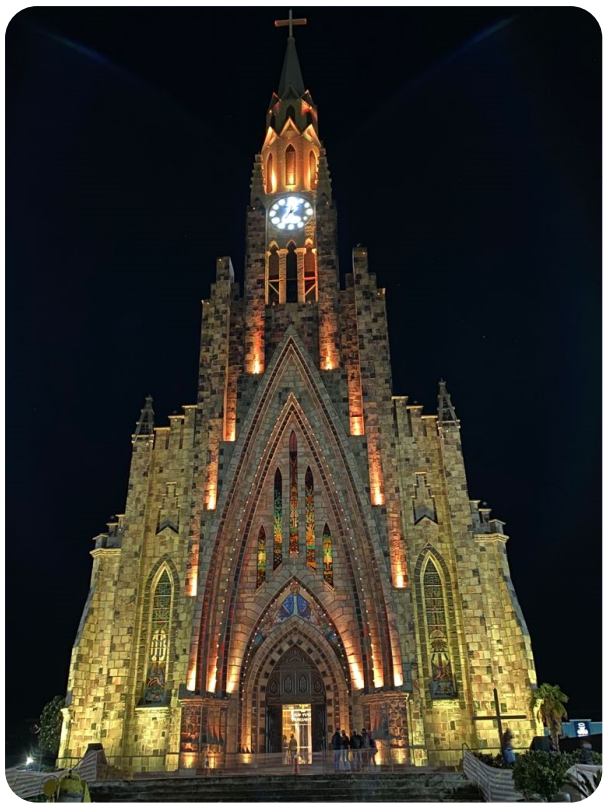
Lago Negro em Gramado

Gramado é hoje o principal destino turístico do Brasil! O município foi todo formulado para receber turistas, e possui uma arquitetura alemã com toque bávaro que dão muito charme ao local. Conhecida como o destino mais romântico, Gramado tem atrativos para todos os grupos, desde neve artificial a museus de chocolates! Toda a atmosfera da cidade te convida para sentar-se e desfrutar de um bom café, almoço e principalmente o jantar! De sequência de fondue, massas e galetos, Gramado tem de tudo a oferecer! Passeios é o que não falta também, museu tem de tudo quanto é tipo, mundo em miniatura, trens, carros, além da casa do colono, fonte do amor, Lago Negro, Rua Coberta, igreja Matriz de São Pedro, passeios de maria fumaça e por aí vai!



Fonte do amor em Gramado

Uma das vizinhas de Gramado é Canela, que é bem perto mesmo, e te faz confundir onde terminou uma cidade e começou a outra. Se não fosse o fato de ser um pouco mais calma, você se sentiria no mesmo lugar! Canela também possui estruturas que foram feitas para entreter a qualquer custo, seja em um bar de gelo, no Alpen Park, a cascata do Caracol, a Catedral de Pedra, vinícolas e cervejarias.



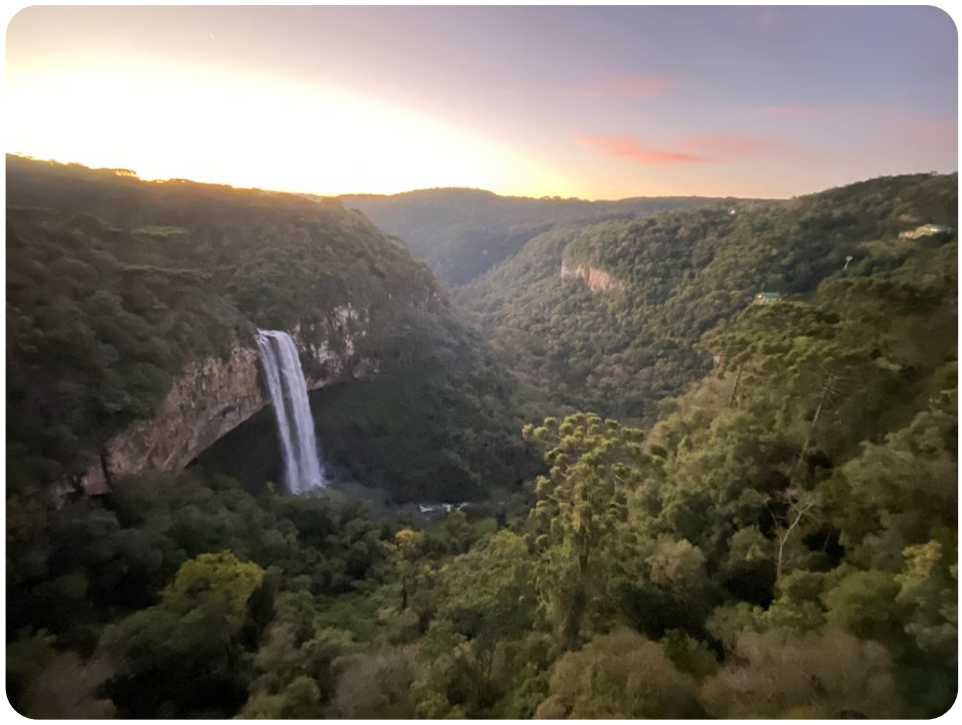
Catedral de Pedra em Canela

Ao lado de Gramado mas um pouquinho acima, está Nova Petrópolis, conhecida como a Capital Nacional do Cooperativismo, possui diversos parques e jardins que tornam tudo mais colorido, com um labirinto de plantas bem no centro da cidade, que torna o passeio ainda mais divertido. Também possui uma paisagem natural belíssima, com rios, cachoeiras e mirantes!

A cidade que é de origem alemã, é um lugar muito interessante para comer as delícias produzidas ali e desfrutar de boas cervejas como mandam as tradições! Outra imigração bem presente em Nova Petrópolis é a holandesa, que graças a isso comemos a melhor torta holandesa de toda nossa vida!!



Praça da Flores em Nova Petrópolis



Cascata do Caracol - Canela

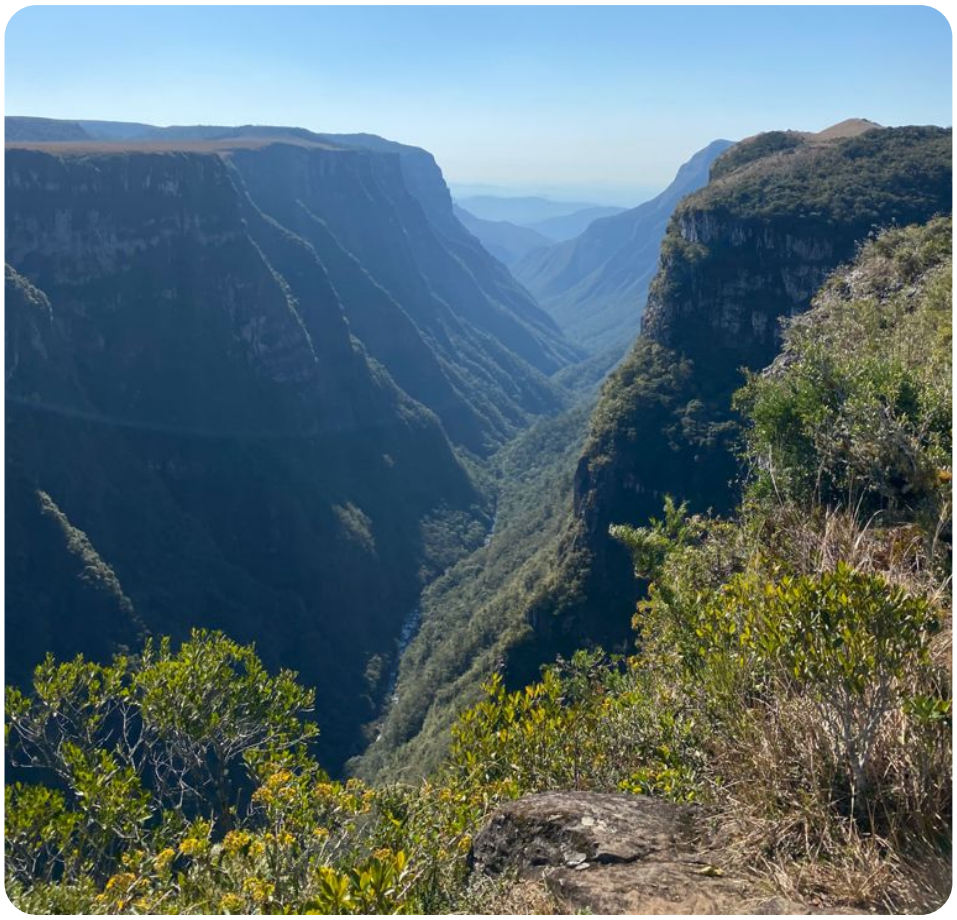
- De Gramado fomos para Cambará do Sul/RS.

Cambará do Sul é a terra dos cânions aqui no Brasil, e um dos lugares mais frios com episódios anuais de neve! O município abriga os parques de Serra Geral e Aparados da Serra, abertos para visitação 6 dias na semana que dispõem de trilhas que dão acesso aos Cânions Fortaleza e Itaimbezinho, que também podem ser visitados através de passeios de balão!

A pequena cidade é um deslumbre para o ecoturismo e dispõe de uma estrutura muito rustica, simples, com excelentes restaurantes, deixando todos os holofotes para os cânions.



Cânion Itaimbezinho



Cânio Fortaleza

Através dos parques é possível fazer trilhas que te levam a diferentes partes dos cânions, desde trilhas bem curtas de 15 minutos, pavimentadas, sinalizadas com corrimões e bancos, até mesmo trilhas que te levam a aventurar-se entre a mata, por dentro rio, em busca da melhor vista possível! E a chegar ao final de cada um desses acessos, a recompensa é enorme! Uma vista deslumbrante de um vale cercado por estruturas rochosas cheio de matas e cascatas que te levam a perguntar: "Mas como isso é possível?" É possível, é incrível, acessível e tem que ser visitado!



Pôr do Sol em Cambará do Sul

- Saímos do frio de Cambará do Sul descemos pela rota do Sol com destino a Garopaba/SC.



Praia do Rosa em Imbituba, ao lado de Garopaba

A Capital Catarinense do Surfe recebe este título por suas praias que proporcionam ondas perfeitas para os surfistas o ano todo! A cidade é pequena, mas com paisagens incríveis, de praias tranquilas, dunas de areia a avistamento de baleias!

A cidade que é de colonização de base açoriana, abriga paisagens lindas e praias que servem não só a para a prática do surfe, mas também a prática de sandboard e ao avistamento de baleias francas que nos períodos de junho a outubro buscam águas mais quentes para o acasalamento e procriação. Uma experiência que você também tem que sentir! Conseguir observar de perto aquelas baleias gigantes junto de seus filhotes, nadando tranquilamente próximo a costa depois de séculos de perseguição é surreal! As inúmeras trilhas te levam a vistas de tirar o folego, deixando sempre uma vontade gigante de conhecer a próxima aventura.



Mirante das Baleias na praia da Gamboa



Igreja São Joaquim



Dunas e prais do Siriú

- De Garopaba atravessamos para Florianópolis/SC.

A capital de Santa Catarina impressiona pelos mais diversos de cenário dentro de um só ilha! Ela vai do trânsito infernal nas principais regiões, a estradas de terras muito esburacadas que te fazem pensar o que você está fazendo ali com seu carro de passeio! Mas nada que tire a vontade de desbravar cada vez mais o lugar!



Vista panorâmica de Florianópolis. Lagoa da Conceição e praia da Joaquina

Decidimos dividir os bases de hospedagem e passeios da ilha em região leste e sul, e norte e oeste por conta do terrível tráfego de Florianópolis, que inviabiliza ficar indo e voltando no mesmo dia sem perder a paciência!

Começamos o tour pela região da lagoa de Conceição, um lugar mais descolado com diversos bares e restaurantes; conhecemos a praia Mole, que leva esse nome pela característica de suas areias que te fazem andar sem sair lugar; Praia e Dunas da Joaquina um lugar que mescla a paisagem ao conforto de grandes restaurantes. No dia seguinte ruma ao Sul da Ilha, começamos pela praia do Campeche, uma das mais belas da ilha, com águas claras e uma extensa faixa de areia, além de bem estruturado no que diz respeito a comercio e alimentação; uma paradinha no mirante Morro das Pedras com vista panorâmica do mar; Armação, uma antiga vila de pescadores com aguas tranquilas; Matadeiro uma belíssima praia acessada somente por trilha, com um lago ótimo para pratica de surfe e o outro uma calmaria de tirar o folego; Pântano do Sul um dos mais isolados da ilha e também antiga e tradicional colônia de pescadores, com restaurantes e o famoso Bar do Arante, conhecido pela decoração de bilhetes deixados pelos visitantes ao longo dos anos e pelo pastel de berbigão; e Ribeirão da Ilha, que além de muito charmosa com sua arquitetura açoriana, é considerada um corredor gastronômico para desfrutar de ostras e mariscos.



Bar do Arante



Praia do Matadeiro



Mercado Municipal de Florianópolis

Com rumo ao norte da Ilha, passamos pelo centro histórico e principalmente pelo mercado municipal de Florianópolis, afinal o mercado de cada cidade conta muito sobre ela! Todo passeio pelo centro pode ser feito a pé e vale super a pena.

Rumo ao norte, conhecemos a extravagante Jurerê Internacional, com seus beach clubs pé na areia, a praia do Forte com seus jacarés e pinguins, praia da Daniela tranquila e cercada por sua restinga e por fim a charmosa vila de Santo Antônio de Lisboa, repleto de restaurantes e que preserva a característica açoriana, além de deter o mais belo pôr do sol da ilha!



Igreja de Nossa Senhora da Lapa



Jacarés na barra da praia do Forte

- Rumo a Blumenau/SC Passamos o dia em Pomerode.

Blumenau é a Capital Brasileira da Cerveja, que abriga a maior Oktoberfest do mundo fora da Alemanha! Além de muito



Vila Germânica em Blumenau

cerveja boa, a cidade possui diversas praças, museus e deslumbra sua arquitetura enxaimel ainda presente em alguns lugares, principalmente na rua XV de novembro. Ela também foi um importante personagem na história da moda brasileira, tendo sido um dos principais polos de fabricação de roupas.



Einsbein com chucrute e purê

Com uma colonização que ao longo dos anos se mesclou entre alemães e italianos, é possível desfrutar de excelentes massas, mas principalmente pratos alemães que podem facilmente ser encontrados na vila germânica!

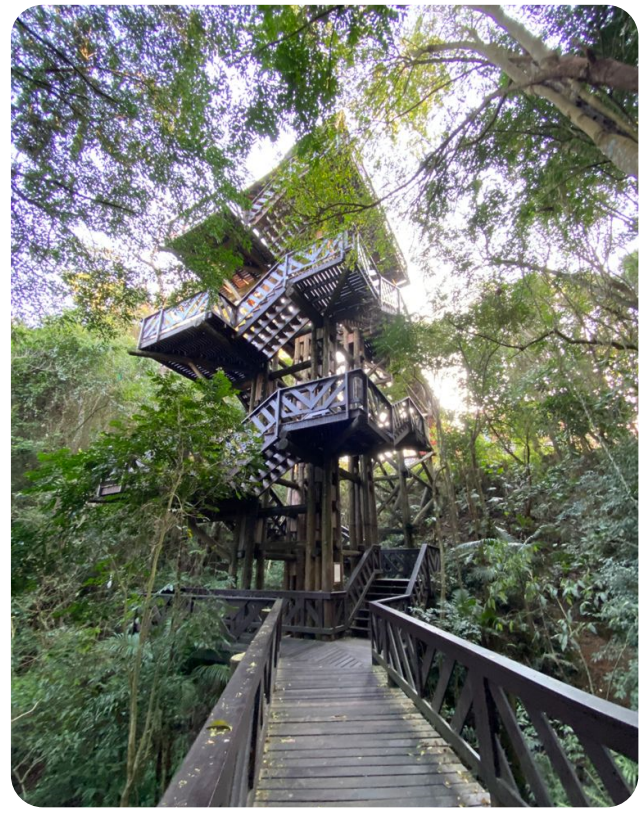


Rua XV de novembro. Foto:Casa do Turista

Com destino a Curitiba, passamos o dia em Pomerode, que é considerada a cidades mais alemã do Brasil. Assim como em Blumenau, a cidade também conta com uma arquitetura enxaimel, só que muito mais presente! Lá é possível visitar alguns museus de arquitetura histórica e comer muita comida alemã, de strudel, a cucas e muita salsicha!

- A última parada da viagem foi em Curitiba/PR.

Uma cidade que já conhecemos e adoramos, eleita diversas vezes como uma das melhores para se viver no Brasil e até mesmo no mundo, a capital Paranaense tem tudo o que uma capital bem estruturada pode ter, bons restaurantes, diversos museus, shoppings, feiras de artesanato, mas principalmente parque. É possível encontrar em diversos pontos da cidade parque enormes que trazem um pouquinho de tranquilidade a rotina cosmopolita!



Bosque Alemão



Parque Barigui

Pra finalizar ao melhor estilo "cidade grande" a equipe do Eco se reuniu no mundialmente conhecido Hard Rock Cafe - Curitiba, onde curtimos um animado happy hour ao som dos classicos do rock!

No dia seguinte pé na estrada e voltamos para nossa querida Ilha Grande. Até a próxima!



Icônica guitarra simbolo do Hard Rock

O ECO JORNAL NA COMUNIDADE

No mês passado falamos sobre os desajustas da sociedade no Abraão, tentando dar rumo para harmonizar esse comportamento. No entanto observamos que tudo está piorando e os tais grupinhos mentores dos desajustes, aumentam a cada dia. Sentem-se gloriosos pelo sucesso de desajustarem.

O Abraão, Palmas e Saco do Céu são vítimas de uma cultura policialesca remanescente do presídio. Algo completamente individual ou de pequenos grupos desagregadores, que por serem incapazes, são destruidores de quem deseja fazer algo positivo para o coletivo. Falamos sobre as associações que foram dissolvidas por falta de quem desse continuidade. Isso demonstra o fracasso da comunidade como trabalho coletivo. Nesse mês mais uma associação foi extinta por falta de quem desse continuidade, a AMA (Associação de Moradores do Abraão). E, os grupinhos incapazes se agigantam..... Para eles derrubar alguém é cumprir importante missão. Triste, mas uma realidade desastrosa.

Quando surge um agente público que promete resolver problemas, encarará denúncias, será hostilizado até desistir, se não for do agrado dos opositores. "São donos de tudo o que não constrói".

Por outra análise, também demonstra que temos uma juventude sem nenhuma motivação, sem pendor algum para o bem comum. Não tem em seu objetivo, liderar para construir o amanhã. Parece que o fascínio é destruir o pouco que restou.

Sem as associações não teremos força para chegar às autoridades para expor-lhes nossos anseios, pois a associação é a força coletiva que tantos necessitamos. Inclusive respaldo jurídico.

O hábito de grupos desagregadores se estende a todos os setores. No comércio, quando alguém empreendedor, se desenvolve com sucesso, tudo será feito para destruí-lo, seja por concorrência desleal ou pelo "disse-me-disse" que o desmoralize.

Foi por esta cultura, que por aqui nunca surgiu uma liderança, pois liderar reacionários seria missão impossível. O fenômeno se estende na política, razão que nunca se elege um vereador. Na Ilha há votos que daria para eleger um representante, mas os grupinhos conseguem colocar 7 ou 8 candidatos...e rivais entre si. Como são rivais, os próprios grupinhos.

Acredito que esse caminho nos leva ao despenhadeiro. Que tal mudarmos?

N. Palma – O Eco Jornal.

- HUMOR



Sociedade teimosa em palestra



COMUNICADO

Aos 18 dias do mês de Agosto do ano de 2021, reuniram-se na Casa de Cultura Constantino Cokotós, em Vila do Abraão, Ilha Grande, Angra dos Reis - RJ, às 18:00h, dando início a Assembléia Geral para a eleição da Associação de Moradores do Abraão - AMA, referente ao biênio 2021/2023. Como nenhuma chapa foi apresentada, e a atual diretoria não teve interesse em dar continuidade, foi posto em votação a proposta de dissolução e extinção da mesma e aprovado por unanimidade pelos presentes.

O valor em caixa será utilizado neste processo de extinção e ao final, caso haja algum saldo, este valor será doado aos projetos da capoeira infantil, grupo de escotismo e ao grupo de proteção animal GPAK.

Na próxima edição do jornal O Eco será publicada uma atualização sobre o andamento deste processo e a prestação de contas.

AMA
Associação de Moradores de Abraão



NÓS APOIAMOS QUEM DEFENDE:

- a democracia e o nacionalismo na organização social do país;
- a família como célula de educação;
- a fé de todos os credos;
- o respeito às diversidades;
- a ética nas discussões e o respeito ao pensamento oposto. "Não concordar é um direito do pensamento".
- Não apoiamos ideologia político-partidária nos estabelecimentos de ensino em todos os níveis.

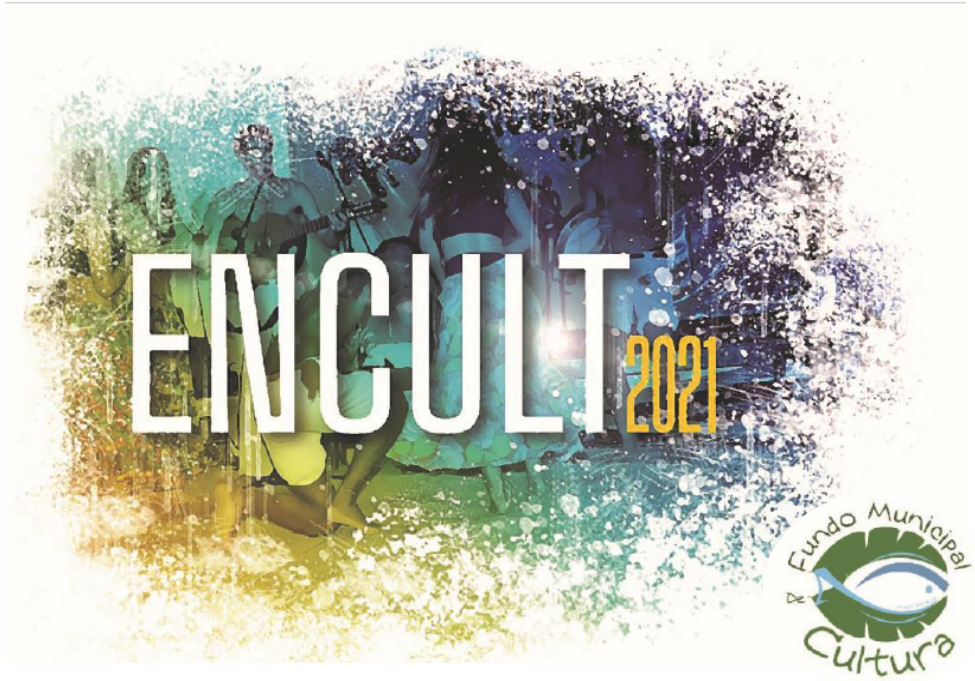
Entendemos que estes são princípios básicos para uma organização social sem guerra ideológica e por consequência harmônica, produtiva e feliz.

O Eco Jornal

No mês de agosto, o Encult foi de pré-produção da segunda etapa do projeto. Este segundo momento será a roda de conversa com todos os mestres que já participaram do primeiro, e está prevista para acontecer no dia 02 de outubro no Silo Cultural em Paraty, a partir das 14h.

À título de informação, durante este tempo gravamos com representantes do Rio de Janeiro, Mangaratiba, Angra dos Reis e Paraty. Ainda vamos gravar com a Folia de Reis de Lídice e o movimento cultural de Ilha Grande. Foram quatro municípios contemplados neste trabalho.

No domingo dia 01 de agosto estivemos com o representante de Mangaratiba, Daniel Soares, com quem gravamos algumas de suas músicas que contam suas experiencias regionais, corroborando com a proposta do projeto.



Fotos: Luana Ventura









Descubra algumas plantas medicinais da Ilha Grande

Conhecimento tradicional da cultura caiçara

Jogos interativos elaborados pelo Centro Multimídia do Ecomuseu Ilha Grande

23/08/2021 Plantas medicinais da Ilha Grande. Você conhece? - Imprimir Caça Palavras

Plantas medicinais da Ilha Grande. Você conhece?

As palavras deste caça palavras estão escondidas na horizontal, vertical e diagonal, com palavras ao contrário.

E D A D S S I R O T H T H R D W O T T T E A
T I E R R A T C S A R O A O U R E M O R O R
F H H R R L I M A L I T E J M S W P T G D H
T M T F I E L A L O B M A R A C L S C W O I
T I W M R E T R T R A C E U A G O Y H F N A
H H Ã D B W T A E E E R E G B F Y S L D T A
A O H E I A L C D C L A U N A A I E A W E L
O E A S E N R U A A I I B L C F U H V A W O
C L W N D N R J E R J O A L A E I O S E S I
O F D E A P H Á N N G N R A T G I H A E A V
M E O N G O O T M N O H A S E S N O A A U A
I B D T A Z T S R R D E L R B Y D A K B R R
D D I L S N T O M G S S A N A L E D T A D G
Y C E A H U R C S T N S F U D L I B O I U B
T D U H H A Q L I C H T H T I T G E E O P H
N I E F D E E S T I T A E I R T E I A G I D

ABACATE
ACEROLA
CAJU
CARAMBOLA
GOIABA
GRAVIOLA
LARANJADATERRA
LIMÃO
MARACUJÁ
PITANGA

No dia 21 de setembro é comemorado o Dia da Árvore.
Vamos Preservar!
Árvore é vida!

centro multimídia ILHA GRANDE
ecomuseu ILHA GRANDE
PR3 Pro-Reitoria de Extensão e Cultura

NOTÍCIAS

DEPUTADO JAIR BITTENCOURT APRESENTA PROPOSTA PARA IMPULSIONAR A AQUICULTURA FLUMINENSE

Por Juliana Oliveira, Assessoria de Imprensa

O Estado do Rio de Janeiro pode se transformar em um dos pioneiros no Brasil a criar um Plano Estratégico para o Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura, atividade econômica responsável pelo sustento de centenas de famílias na região costeira fluminense. A indicação legislativa que solicita ao governador Cláudio Castro (PL) a criação do Plano foi apresentada pelo vice-presidente da Assembleia Legislativa (Alerj), deputado Jair Bittencourt (PP), e prevê, entre outras medidas, atualizar e ampliar a base de dados regionais da atividade, desenvolver práticas sustentáveis para preservação do meio ambiente, além de oferecer capacitação técnica a interessados e dar apoio à produção e comercialização do pescado.

Na justificativa da proposta, Jair Bittencourt destaca que, graças às características climáticas favoráveis, recursos hídricos em abundância e litoral recortado com locais abrigados, o Rio de Janeiro apresenta grande potencial para o desenvolvimento da aquicultura.

A atividade utiliza técnicas de cultivo e reprodução de peixes, moluscos e crustáceos, em condições adequadas de iluminação e temperatura, podendo ocorrer em ambientes naturais ou em tanques artificiais. Outra vertente é a produção de algas e plantas marinhas utilizadas na alimentação e elaboração de medicamentos farmacêuticos.

"O setor de aquicultura é de extrema importância para a economia estadual e necessita apenas de mais incentivos para que possa se desenvolver com toda a sua capacidade, auxiliando os que já sobrevivem da atividade e gerando novas oportunidades de emprego e renda na região costeira fluminense", ressalta o vice-presidente da Alerj, Jair Bittencourt.

Segundo dados do IBGE, a aquicultura brasileira produziu 579 mil toneladas de pescado em 2018, movimentando R$ 4,9 bilhões. Desse total, o Rio de Janeiro produziu 4.580 toneladas de peixe de cultivo e ficou em quinto lugar nacional no ranking de produção de moluscos, perdendo para São Paulo.

Em muitas localidades da costa fluminense, como a Costa Verde e a Região dos Lagos, por exemplo, a produção de mariscos ainda é quase artesanal, com mão de obra familiar e pouca tecnologia, mostrando a necessidade urgente de ações estratégicas que ajudem a alavancar a atividade e promovam o desenvolvimento econômico do Estado.

A indicação legislativa 406/2021 apresentada pelo vice-presidente da Alerj prevê ainda criar um órgão de fomento, a Fundação Instituto da Pesca do Rio de Janeiro, para coordenar e gerenciar o Plano Estratégico, além de implementar uma Câmara Técnica da Aquicultura Fluminense, com representantes do poder público e da sociedade civil, para discutir metas e políticas públicas integradas com municípios fluminenses.

CRIAÇÃO DE UM FUNDO PARA PROTEÇÃO DOS ANIMAIS COMEÇOU A SER DISCUTIDA NA ALERJ

Por Juliana Oliveira, Assessoria de Imprensa

A criação do Fundo Estadual de Proteção dos Animais (FEPA) começou a ser discutida nesta terça-feira (17/08) na Assembleia Legislativa do Rio (Alerj). Um dos apoiadores do projeto de lei 437/2019, o deputado Marcus Vinícius apresentou emendas para beneficiar entidades que cuidam dos bichos.

Para o líder do PTB, além de recursos para políticas públicas e ações em defesa dos animais, é fundamental ajudar as instituições que atuam nessa área.

Marcus Vinícius propôs que os recursos derivados do Fundo Estadual de Proteção dos Animais poderão ser destinados a organizações não governamentais (ONGs), associações filantrópicas e protetores de animais, desde que estejam regulares e cadastrados nos órgãos de controle.

"Muitas entidades sobrevivem de doações e, mesmo na dificuldade, realizam um trabalho exemplar de proteção e cuidado com os

animais. Toda ajuda é essencial, especialmente nesse momento de pandemia que também afetou muito as instituições por conta da queda no número de doadores. Então é mais do que justo que possam receber recursos do fundo estadual para desempenharem ainda melhor suas atividades em benefício dos animais", afirma Marcus Vinícius.

Ainda de acordo com as emendas sugeridas pelo deputado, para melhor estruturação e fiscalização do FEPA, o fundo deverá ser vinculado à Secretaria de Agricultura, Pecuária, Pesca e Abastecimento, já responsável por projetos e parcerias em defesa dos animais, e administrado por um Conselho Diretor formado por servidores. Marcus Vinícius propôs também que seja submetido anualmente para a Secretaria de Agricultura um relatório com as atividades desenvolvidas pelo FEPA.

O Fundo Estadual de Proteção dos Animais terá como objetivo captar e aplicar recursos visando ao financiamento, investimento, expansão, implantação e aprimoramento das ações voltadas à saúde, proteção, defesa e bem-estar animal. Além disso, será admitida a aquisição de imóveis pelo FEPA para a implantação de projetos.

O projeto de lei 437/19 recebeu 13 emendas nesta terça-feira e deve retornar nos próximos dias à pauta de votações em plenário, após análises das comissões de Constituição e Justiça; Defesa e Proteção dos Animais; Saúde; Assuntos Municipais e Desenvolvimento Regional; e Orçamento.

TEXTO

CRIME E CASTIGO

Por Lauro Eduardo Bacca, NSC

Segundo o direito penal, dolo significa "a deliberação de violar a lei, por ação ou omissão, com pleno conhecimento da criminalidade do que se está fazendo".

O sujeito se prepara em detalhes para o que quer fazer, plenamente consciente do seu crime. Estuda e conhece bem os hábitos de sua vítima, sabe onde, como e quando encontrá-la, escolhe o melhor ponto de tocaia. Sabe ainda como fazer para atrair, em muitos casos, as próprias vítimas para a cena do crime. Prepara e lubrifica cuidadosamente a arma de fogo e o que mais seja necessário para perpetrar seus intentos. Confere a munição e checa todos os demais itens e ações necessárias à consecução dos seus nefastos intentos. Adquire e veste seu disfarce para não ser facilmente visto nem reconhecido pelas vítimas. Convida amigos, forma uma gangue assassina.

Todos prontos, chega o dia de partir no silêncio da madrugada para mais uma tocaia. Têm certeza de que não serão vistos pela vítima nem por testemunhas. Estão certos de que não há câmeras de segurança por perto. Todos apostam na imensa dificuldade do Estado de descobrir, flagrá-los e processá-los por seus crimes. Sensação de impunidade total. Tiros certeiros. Tombam mortos mais alguns belos e, na maioria das vezes, já raros animais de nossa fauna silvestre.

Poucos crimes envolvem tanto dolo, quanto o da caça proibida, uma das maiores responsáveis pela síndrome de nossas florestas vazias a desmentir escancaradamente o hino maior de uma nação em que iludidas crianças e ingênuos adultos cantam que "nossos bosques têm mais vida".

Como noticiado pela imprensa no último dia 10, alguns notórios caçadores dos municípios de Guabiruba e Blumenau foram, finalmente, flagrados com a prova física dos seus crimes, bichos de diversas espécies de animais da fauna nativa mortos, algumas ameaçadas de extinção. Nas comunidades em que vivem, todos sabem que as carcaças apreendidas são apenas algumas, de tantas centenas ou milhares que esses elementos já certamente abateram ao longo de muitos anos de impune atividade.

Não entendo de Direito, mas, a dificuldade e raridade com que acontecem flagrantes de crime de caça deve ser compensada pela aplicação do máximo rigor penal permitido pela lei. Não há como ser condescendente. Não bastasse todo o dolo que envolve seus atos, seus crimes são, no mínimo, quadruplamente agravados pelo possível comércio de carne de animais silvestres, estímulo de outros ao ilícito, através do turismo de caça, ou seja, condução de terceiros pelas trilhas e locais onde podem perpetrar seus crimes, morte de animais ameaçados de extinção e por abaterem fauna dentro de uma Unidade de Conservação, o Parque Nacional da Serra do Itajaí.

Punição máxima e implacável, dentro do que permite a lei, para esses depredadores de nossa fauna, na proporção diametralmente oposta à da sensação de impunidade que impera entre os praticantes desses crimes. É o que espera a sociedade consciente da urgente necessidade de um meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à qualidade de vida de todos, como reza nossa Carta Magna.

TEXTO

OS CAMINHOS DE FRITZ MÜLLER

Por Lauro Eduardo Bacca, NSC

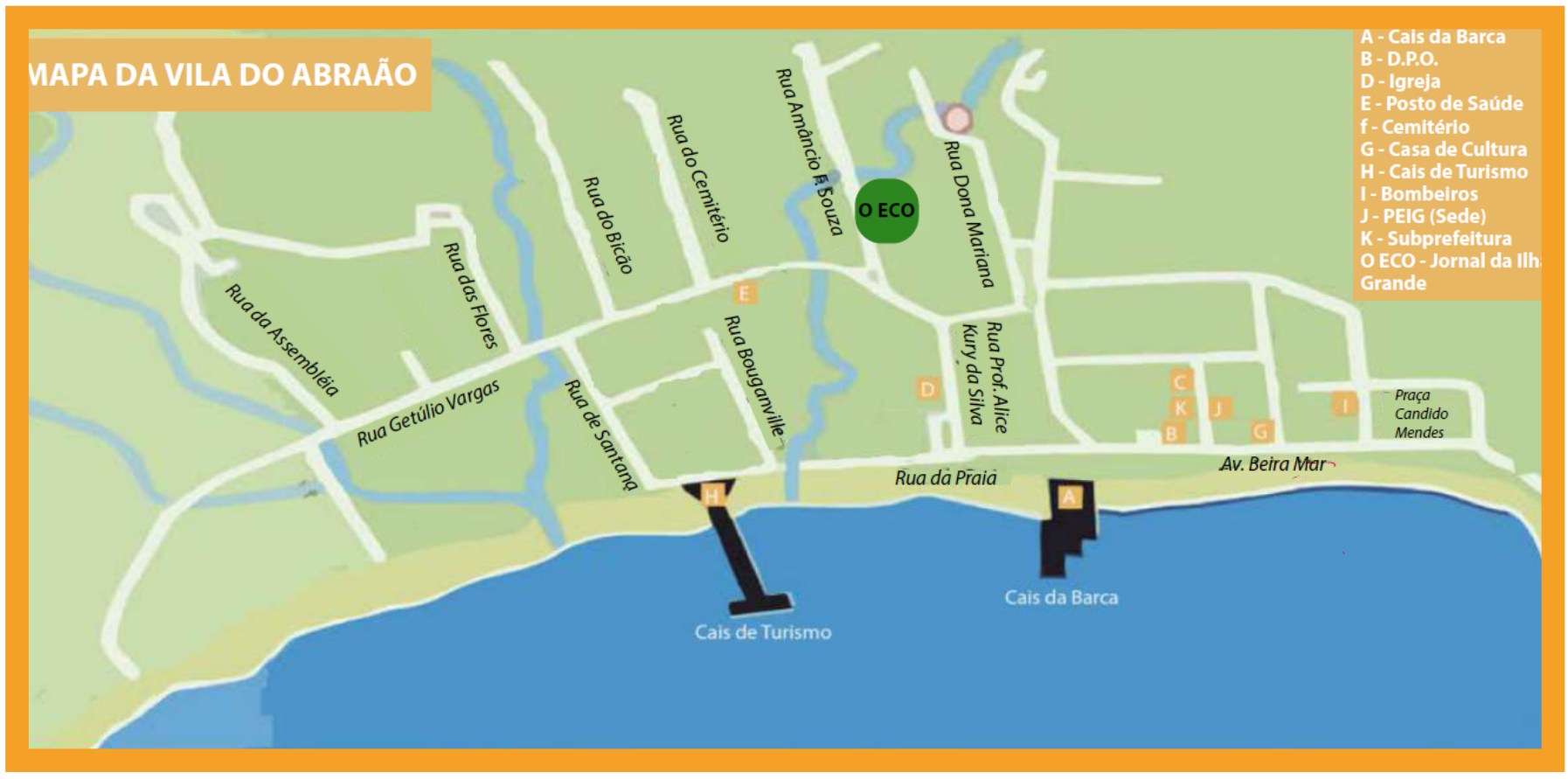
Entre as personalidades que devem figurar na memória histórica e cultural do estado, por tudo o que foi e fez, o naturalista Fritz Müller merece um dos mais altos destaques. Nascido no vilarejo alemão com o quase impronunciável nome de Windischholzhausen, próximo à cidade de Erfurt, Fritz Müller emigrou para o Santa Catarina com sólida bagagem científica e intelectual adquirida naquele país e se instalou na incipiente Colônia do Dr. Blumenau em 1852. Naturalizou-se brasileiro e residiu 11 anos em Desterro, atual Florianópolis, onde seus estudos sobre o desenvolvimento larvar de camarões resultaram numa das maiores contribuições à compreensão e consolidação da teoria da Evolução, como assim reconheceu o próprio autor da teoria, o inglês Charles Darwin.

Voltou a Blumenau onde residiu até sua morte em 1897, deixando um legado científico que o fez ser reconhecido como o maior naturalista do Brasil, um "mestre inigualável das interações ecológicas", pioneiro da Biologia Marinha, "o maior estudioso da mata atlântica brasileira até hoje imbatível no Brasil", pioneiro no uso de modelos matemáticos em estudos biológicos, descritor do mimetismo mülleriano, assim chamado em sua homenagem e muito mais, tudo publicado em mais de 260 trabalhos científicos nos mais conceituados jornais e revistas científicas da época.

O mais interessante é que Fritz Müller pouco viajava a cavalo, de barco ou carroça, como poderia fazer na época. Preferia ir a pé, pois, segundo ele, era a melhor forma de estar sempre atento a detalhes da natureza. Foi assim, a pé, descalço e cajado à mão, que esse herói da Ciência viajou várias vezes, ida e volta de Blumenau para Itajaí e Desterro ou para fazer descobertas em praias como Armação da Piedade, no atual município de Governador Celso Ramos, além de roteiros dentro da própria Ilha de SC. entre tantos outros destinos.

Em certa ocasião Fritz Müller caminhou de Blumenau, via litoral, até a Serra da Boa Vista, atual divisa dos municípios de Rancho Queimado e Alfredo Wagner, onde conheceu pela primeira vez as matas com araucária. Da mesma forma, por duas ocasiões, acompanhou o engenheiro Emílio Odebrecht nas incursões topográficas que estabeleciam o caminho da Colônia Blumenau até o Planalto serrano de Curitibanos. Também a pé foi pesquisar em Joinville e São Bento do Sul.

Roteiros e caminhos temáticos são uma modalidade de turismo em franco crescimento. No Rio de Janeiro existem "Os caminhos de Charles Darwin" e em Goiás "Os Caminhos de Cora Coralina". Os "Caminhos de Fritz Müller" são uma das promissoras propostas de um grupo de abnegados de Blumenau, Florianópolis e outras cidades, que preparam o bicentenário de nascimento de Fritz Müller a acontecer no próximo ano de 2022 que tem tudo para se concretizar em exitosa diversificação de atração turística, histórica e cultural que só Santa Catarina tem. O que estamos esperando para implantá-los?





Pitosto Fighe - LÚDICO

SULTANATO EM FESTA

Quinta feira, 26, em homenagem a Raissa, rolou um acepipe especial de aniversário para ela. Ela participa há vários anos na edição de O Eco Jornal, na OSIG, também inseparável no apoio ao social do Memorial dos Palma nos Rio Grande do Sul, enfim vive uma parceria constante nos afazeres do cotidiano do Palma. Ela participa da vida no Abraão, como poucos, quer seja em eventos, quer seja no Jornal, quer seja nas viagens para organização de matérias, nos assuntos de biologia marinha, sua especialidade! Para muitos desconhecida, pois trabalha de forma discreta, até acredito que seja para ficar fora dos holofotes dos grupinhos que só servem para destruir ideias. Bem, mas vamos ao que todos gostam: A FESTA! Rolou um jantar supimpa no Sultanato com a participação das loucas lindas, regado a vinhos e cervejas, ao jeito que todos gostam, com direito, discretamente, a uma dose de absinto, que por ser comentado na bíblia, aguça a fé. Foi uma noite muito agradável, onde proibiu-se o celular para dar espaço a conversa. Conversamos muito, ao som discreto de uma boa música, onde bons momentos foram lembrados. O Palma comentou o trabalho da Raissa no jornal e na ilha, enaltecendo seu mérito profissional, que a diferencia dos jovens contemporâneos.

Por fim foi muito agradável e as fotos ilustram a realidade da matéria. Parabéns, Raissa e que continue assim pelo porvir de sua vida.









TODA LUZ IMPORTA PARA O FILÓSOFO

Por Ricardo Yabrudi

Vivemos numa sociedade que ainda hoje habita uma caverna. Não somos informados corretamente do que se passa no mundo com relação a uma verdade absoluta. As mídias, os livros, as histórias são como raios de luz. A face da verdade deveria ser iluminada para o bem de todos através dos encontros com informações mais precisas. Para que isto ocorra precisamos sair da morada de uma gruta escura, aquela onde não habita o conhecimento - algemas nos prendem. É essa a ideia de Platão que já nos alertava para que as sociedades devessem estar atentas à "verdade", na qual se revelaria com a iluminação do sol que está do lado de fora de uma caverna. No entanto, a pouca luz de um interior também nos fazem refletir e não apenas o excesso de luz. Devemos, principalmente, duvidar de um mundo extremamente iluminado como uma verdade. Esta poderá estar escondendo algo de nós através do ofuscamento intenso.

Assim que o indivíduo comum acorda de um sonho maligno, como o da experiência de Descartes, a própria vida escondida de nós - ele adentra as sendas da filosofia. Sair da caverna platônica e ver a luz, como a verdade, traz para os agrilhoados, descrito por Platão, a imagem da ignorância, de um leve sentimento – aquele do errado viver. O mito da caverna está na obra de Platão "A republica". A caverna desse discípulo de Sócrates, onde ele exibe com orgulho, é a mesma em que habitava. É sabido que ele queimou suas obras de dramaturgia quando reconheceu em Sócrates o guia para um excesso de luz exterior. Para o agrilhoado liberto que Platão descreve e que apenas via sombras distorcidas, o longo caminhar escarpado a caminho da luz solar, foi uma marcha rumo a um altar onde lá habitaria a Sofia, a sabedoria escondida. Contudo, esta, depois de cinco séculos foi acusada de cúmplice da "gnosis" – o terror e heresia que o cristianismo acusou a partir do final do século I D.C.

O sol a ser visto pelos moradores da caverna que Platão descreve, onde um deles é liberto, e convidado a sair para ver a verdadeira luz, é guiado pela carruagem de Hélio, este será mais um convidado de Apolo - o verdadeiro guia do astro, o outro era apenas seu cocheiro. Foi em Delfos, num templo dedicado a este deus que estava escrito: "Conhece a ti mesmo". Conhecer-se é ver a luz: estar iluminado pelo thauma. A luz vem de Apolo.

Para os que se iniciam na filosofia, acordados pela fulgurante criatura celeste, o "sol invictus" provoca uma cegueira momentânea porque os olhos não estão acostumados com a realidade iluminada e com tantos conceitos e histórias. Estamos quase sempre mal informados pelas sombras das mentiras. Platão deixa claro que: quem não saboreou essa filosofia está dentro de uma caverna escura iluminada apenas por uma fraca fogueira que fica atrás de homens agrilhoados. Para Platão esse mito convida os leitores a se desagrilhoar e conhecer a filosofia que está lá fora revelada pela claridade do sol. No entanto, a intuição também poderia vir da claridade desta fogueira formando sombras, a mesma que acordou Descartes de seu pseudo sonho. Este relato está em sua obra: "Meditações". Anteriormente, Platão já indicava para esse professor de Pascal, os rumos do acordar: da sombra (trevas) para a luz – assunto esgotado por Parmênides que dicotomizou desta forma a filosofia.

Os filósofos no seu salto do tigre, quando revelam algo novo na filosofia, sempre são acordados por seus antecessores, por exemplo: Sócrates por Parmênides, Platão por Sócrates e assim sucessivamente - é o passar de um "bastão". Para os aficionados em Nietzsche, através de sua "Visão dionisíaca do mundo", Dioniso ergue seu bastão, cujo nome é o "Tirso", que ele segura nas mãos para que o sigam. Para judeus e cristãos, é o cajado, aquele que se transformava em cobra ao comando de Moisés para o "thauma" dos sacerdotes egípcios. Essa serpente que Moisés fez aparecer, possivelmente, foi a mesma que despertou o thauma em Eva quando esta se maravilhou com a possibilidade de possuir todo o conhecimento do mundo e se tornar uma deusa.

Infelizmente, o anuncio do porvir através da onisciência, que é o sumo saber, tratado como um dom divino, não é o suficiente para o poder de profecia que é justamente o olhar do filósofo. Estes indivíduos filosoficamente "despertos", assustados, "thaumatizados" pelo que viram e se maravilharam, fazem prognósticos: são os profetas do mundo. São os mesmos prognósticos também de Cassandra quando foi acariciada nos ouvidos por uma cobra na sua infância. Recebeu poderes do deus Apolo. Talvez, tenha sido essa a mesma serpente de Moisés e de Eva, a mesma também que fez Descartes duvidar do mundo que o assistia por aquele ser maligno (a serpente) junto à fraca iluminação de uma fogueira.

Os filósofos são como Cassandra que previa o futuro: ninguém os ouve de verdade. Filha de Príamo, o rei de Tróia, seduzida por Apolo não correspondeu ao assédio deste deus. Irado pela recusa da virgem, tapou os ouvidos da humanidade como um castigo para que não acreditassem em suas verdadeiras profecias. Somente os acordados pelo

thauma entendem que a verdade não esta apenas no sol de Apolo, na luz de Parmênides, no instinto de Nietzsche, mas também em outros pesados "maravilhamentos". A mesma cobra que acariciou os ouvidos de Cassandra deu também poderes aos aficionados através da linguagem apolínea - nossos filósofos.

Os thaumas são vividos pelas histórias que lemos que vivemos. A todo o momento nos espantamos com o universo e as filosofias metafísicas. A história do mito da caverna e o das "Meditações" cartesianas geram mais do que o "espanto": geram insegurança porque o mundo em que se vive se acaba e se dissolve nos olhos como um borrão da mentira. Esse maravilhamento vem de uma intuição pelo olhar em direção ao mundo. Por isso, Platão nos convida a perceber o sol e Descarte a nos olhar para as fracas chamas de um fogão a lenha. É estranho esse olhar minimalista de Descartes que era o mesmo dos agrilhoados olhando as sombras da fogueira da gruta, oposto ao de Platão. Não é necessário que o thauma seja aceso por alguma energia muito intensa como "efeito" fenomênico, mas é apenas necessário que uma luz interna acenda a nossa intuição - para Schopenhauer, o que vale filosoficamente é a "ideia" de qualquer clarão intuitivo, não o conceito. O conceito vem de qualquer clarão.

Com todo o maravilhamento possível, com todas as proezas não entendidas, com todo o desentendimento científico ainda não esclarecido, há situações em que rejeitaremos toda forma de luz porque somos humanos desconfiados. O evangelho cristão nos conta que muitos discípulos abandonaram Jesus, o filho de Deus, mesmo depois de maravilhados com os mesmos feitos divinos... Mesmo assim, com muitas rejeições de seus pares, afirmou: "Eu sou a luz do mundo"!

MEMORIAIS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA

"Caro leitor, nós temos um compromisso com nossa imigração, nossa história e nossas marcas deixadas, razão de termos esta página dedicada à cultura italiana, que poderá não ser de seu interesse, portanto nossas desculpas". Mas se quiser nos acompanhar será bem-vindo!

MEMORIAL DOS PALMA

Serão bem-vindos a participar desta página, todos os interessados na divulgação da memória italiana. Aqui temos espaço para todos, e por certo nos estimularão a perseverar nesta jornada.

Envie sua matéria para o e-mail do jornal: oecojornal@gmail.com. Também podem ler todas as edições passadas, em www.oecoilhagrande.com.br e saber mais sobre nós mesmo em www.memorialdospalma.com.br além de instagran e facebook.



Repetimos para que o novo leitor, entende nosso propósito pelo início: - Nesta casa nos criamos, aprendamos o básico da vida,

que é o sentimento familiar, respeitar a todos, ser honestos e termos Deus como fundamento espiritual.

- Nesta constante página que publicamos todos os meses, para manter viva a memória da imigração italiana, consequentemente a nossa, fazemos um sumário sobre o idioma, costumes, contos, saudosismo, referências a outras famílias, ou mesmo etnias diferentes, enfim, tudo nos leva à raízes, que são as pilastras de qualquer cultura.

É óbvio que para quem não vivenciou esta cultura, ou talvez nenhuma, como é comum nesse nosso país mestiço, possa não agradar ou apenas não despertará interesse. Entendemos que é normal, tampouco lhe trará demérito. Ter uma cultura é criar-se nela, normalmente com muitos anos de formação étnica. Etnia, se refere à cultura.

Você pode enviar notícias, opiniões, contos, enfim tudo o que possa interessar à imigração italiana. Nós publicaremos!

- REALIZAÇÕES DO MÊS DE AGOSTO

1 – A TRILHA (PICADA)

Neste mês voltamos trabalhar no memorial, que face à pandemia, pouco fizemos nos últimos tempos.

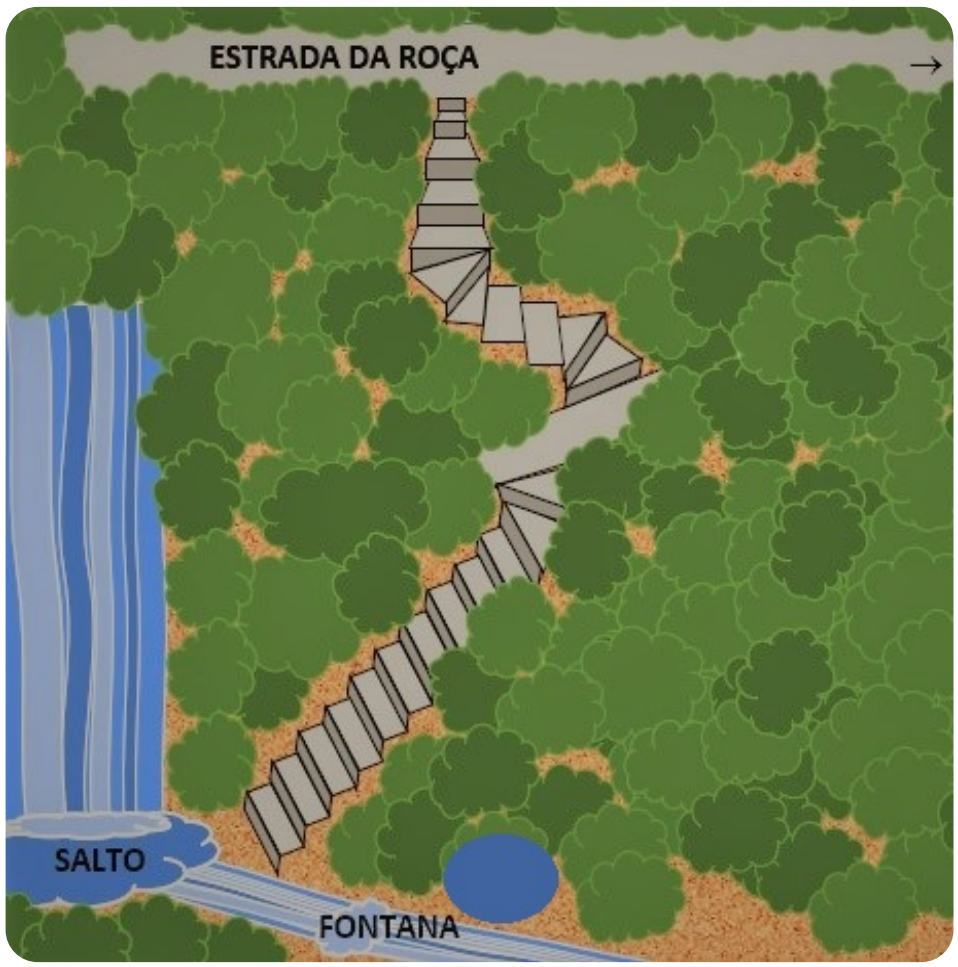
Na área do memorial existe uma cachoeira, que formou um marco na nossa existência, pois a visitamos desde nossa infância e passou a fazer parte da memória da querência. Ainda é tão mercante que deu espaço até para poesia!

-Por ser um cafundó muito íngreme construímos um caminho em degraus para alegria dos mais caidinhos, que gostariam de visitá-la. - "A palavra cafundó é muito usada na literatura poética interiorana, mas poucos conhecem um cafundó. Venha um dia conhecê-lo para ver o que existe na obra de Deus" e nem todos tem chance de ver.

A construção da trilha, que para nós se chama picada. Os parentes estão me cobrando para saber o que foi feito. Aí vai!



Entrada



Layout da trilha de acesso à cachoeira do Salto



Continuação até a escada



Escada



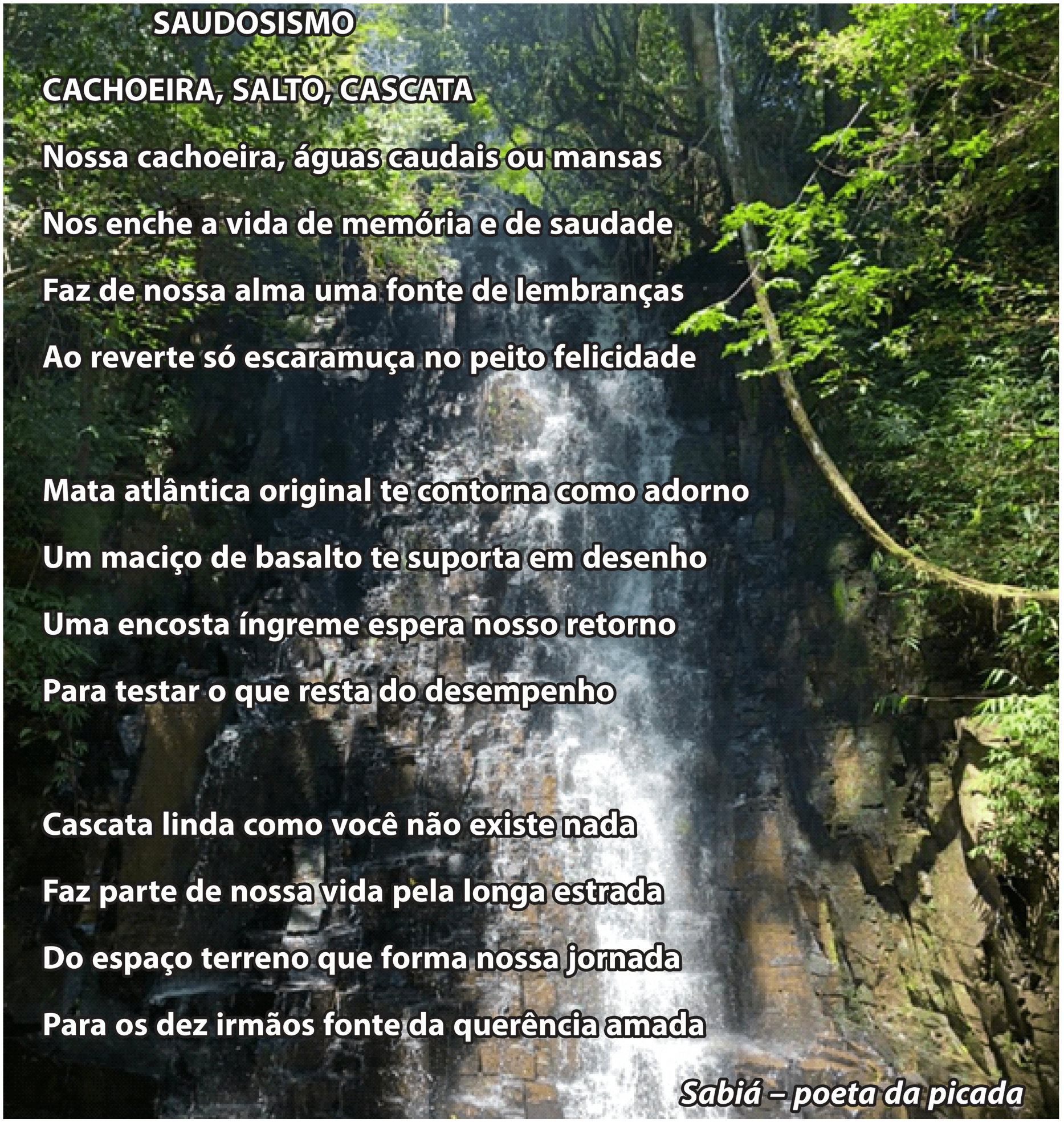
Chegada ao Salto



Entrada do Salto



Cachoeira do Salto



SAUDOSISMO

CACHOEIRA, SALTO, CASCATA

Nossa cachoeira, águas caudais ou mansas

Nos enche a vida de memória e de saudade

Faz de nossa alma uma fonte de lembranças

Ao reverte só escaramuça no peito felicidade

Mata atlântica original te contorna como adorno

Um maciço de basalto te suporta em desenho

Uma encosta íngreme espera nosso retorno

Para testar o que resta do desempenho

Cascata linda como você não existe nada

Faz parte de nossa vida pela longa estrada

Do espaço terreno que forma nossa jornada

Para os dez irmãos fonte da querência amada

Sabiá – poeta da picada

~ Humor:

O Davi disse que a trilha foi construída no valor de "cinquanta soldi sbusi" (expressão do vêneto). Custo coberto pelo Israel. O Zeca confirma.



2 - O PORÃO

Transformado em auditório e museu, já finalizado e na fase de limpeza. Conservamos sua identidade. Prontinho para a festa de janeiro!

3 – A PATENTE -*"Posto de far bizogni"*

Construímos uma patente, casinha onde os imigrantes faziam suas necessidades, "posto de far bizogni". Em termos de higiene e ecológico, era muito melhor que o Palácio de Versalhe (Château de Varsailles), onde se fazia tudo em um pinico e até se jogava pela janela.



Patente em exposição no Memorial.



Palacio de Versalhes.

4 – A VOLTA



Equipe O Eco: Rafa, Nelson e Raissa

De retorno, passando por Curitiba, assistimos o melhor show de rock do sul do mundo e degustamos um bom jantar. Ainda visitei minha irmã Helena que não a via por tempos. Prometeu passar o mês de janeiro lá no memorial junto com todos nós. "Lá femo far lá ciuca".



Helena Palma e Nelson Palma

5 - A EPOPÉIA DO ZECA



Seu dia é muito pequeno para o que tem a fazer. Cuida em espaço relativamente pequeno para uma boiada e um rebanho de ovelhas, que comem muito. Elas têm uma cultura rebelde, quando produzem gêmeos, não os amamenta, então o Zeca segura a ovelha mãe, para os filhotes mamarem e são muitos os gêmeos. Tem um filhote malandro que mama em sua mãe e depois sai mamando em todas as que o Zeca segura. Como todos são iguais ninguém percebe que ele está mamando várias vezes. São animais felizes e bem tratados. Vários

carretões de pasto ao dia são distribuídos à "bicharada"!

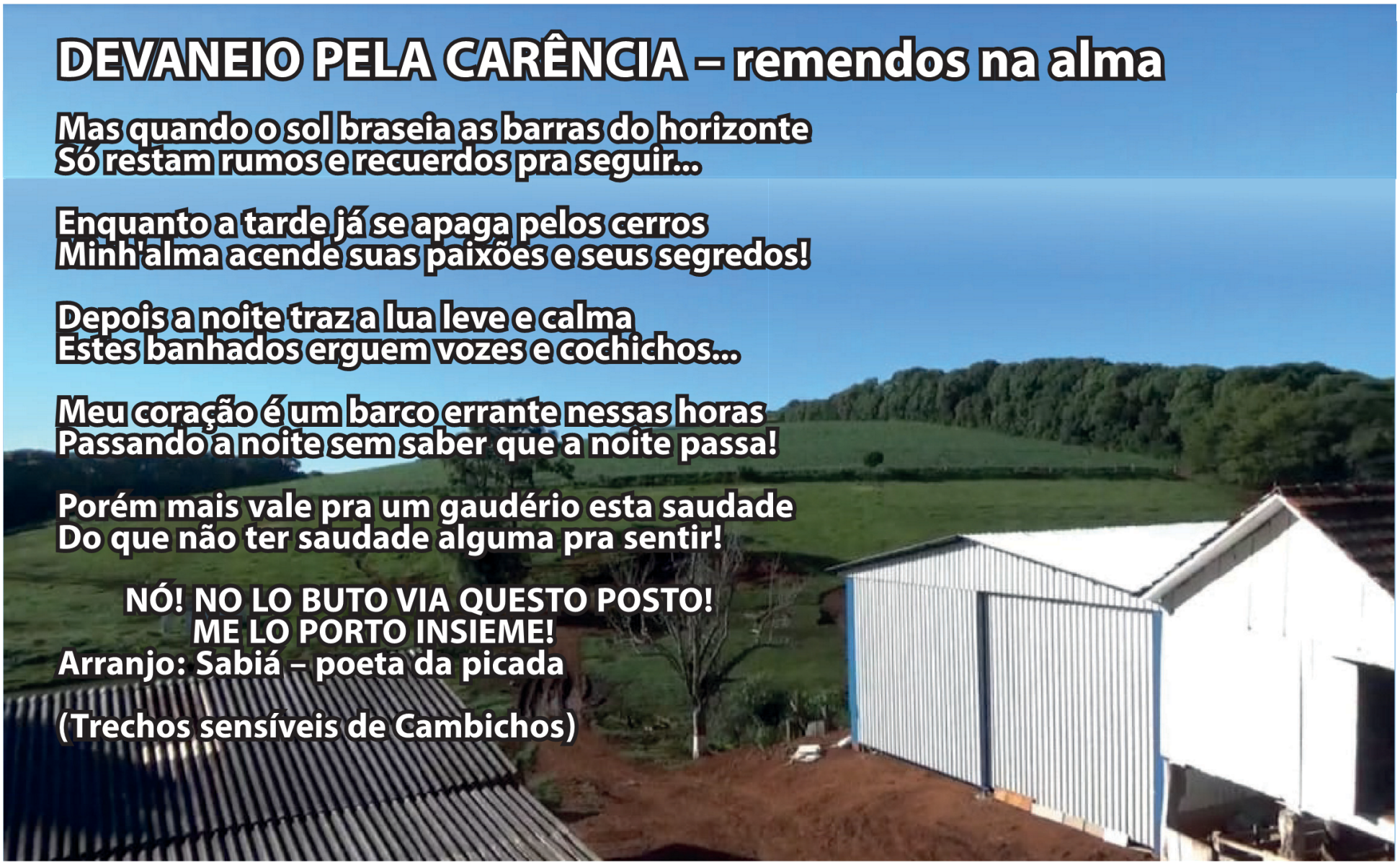
Mas Zeca começa o dia tratando dos animais em simbiose, domésticos e silvestres. Distribui um grande volume de milho, para as galinhas e os gansos, onde os jacus participam do "acepipe" e se consideram em casa, são mandões e de elegância bizarra. É de impressionar a lida no dia para Zeca. Sempre fecha o dia cortando um caixotão de linha, para o aconchegante fogão, durante a noite, onde rola o chimarrão. Daria um filme de educação ambiental, sem precedentes, cujo título poderia ser: "O HOME E OS BICHOS".

Bem, mas nisso tudo se inclui a Lurdes sua esposa, que forma dupla nos afazeres do campo, além dos domésticos, que incluem um grande queijo diariamente. A polenta e uma "fortaia" para o jantar, também imprescindível. A mesa do Zeca é tão exagerada quanto seu dia de trabalho.





Os jacus esperam pacientemente no telhado a chagada do Zeca.



AGRADECIMENTOS

Um muito obrigado ao Zeca, a Lurdes, ao Marcos e ao Valdemir, pelo apoio em tudo o que foi feito. Extensivo também à Prefeitura de Quatro Irmãos pelo fornecimento de um caminhão de brita. OBRIGADÃO A TODOS!

Acesse este link para agrandar a alma : https://www.youtube.com/watch?v=omgFAz-hgfA

CONTOS DO LIEZE

Por Alexandre Moreira Palma

A COBRA, A TAQUARI E A CIRURGIA

O Lieze tinha um irmão mais velho, o Renato. Mais precisamente, cinco anos mais velho. Naquela época, aí por 1940, nos rincões da Colônia Italiana Gaúcha, a diversão era caçar e pescar. O Lieze contava, então, com 12 anos de idade e Renato com 17.

Num sábado, após realizarem suas atividades de filhos de colono, sairam para pescar e, se possível, caçar uma passarinhada ou uma lebre. Para isso, contavam com a tralha de pesca e uma Taquari, que era portada pelo irmão mais velho, pois era uma arma de fogo.

Mas, o que é uma taquari? A taquari era um trabuco, uma espingarda muito utilizada para a caça de pequenos animais, carregada pela boca com pólvora, chumbinho e bucha e, muitas vezes, fabricada em pequenas ferrarias e, até mesmo, em casa. No link a seguir o leitor pode ver um interessante vídeo sobre uma taquari : https://www.youtube.com/watch?v=wxKPUXyn5OM .

Pois então, foram os dois, com a taquari carregada com chumbinhos, especialmente preparada para uma caçada de pombas, caso as encontrassem. Entretanto, o destino e o objetivo primário era a pescaria, para onde se dirigiam, já querendo cruzar o lajeado da sanga. Sendo verão, Lieze vestia calça curta, detalhe importante para o fato que vem a seguir.

Eis que estavam cruzando o lajeado quando os dois valentes se deparam com uma cobra, que veio assim de repente, jogada pela correnteza sobre o lajeado da sanga. Foi um deus nos acuda e cada corajoso cruzou para um lado diferente da sanga na expectativa de escaparem da perigosa serpente e sairem com vida do episódio. No entanto, o Renato, que portava a taquari, escorregou e a arma disparou acidentalmente. Ouviu-se um "Ai, ai, ai! Porco dio! Tu me acertaste!" Sim, era o Lieze, cravejado de chumbinhos que haviam partido da poderosa arma de fogo e atingido suas pernas, coxas e barriga.

O Renato, preocupadíssimo com o irmão caçula, logo respondeu: "Se o Papà e a Mamà descobrirem isso, não nos deixam mais sair para caçar com a taquari!" Isso seria a pena suprema! O que poderiam fazer para escapar do justo julgamento do Nono e da Nona Palma?

Renato, mais velho e sem ferimentos, teve a ideia: "Passe para o lado de cá da sanga que vou tirar os chumbinhos com a minha faquinha!" O Lieze contestou na hora: "Essa sanga eu não cruzo mais, tem a cobra aí no meio! E tu, tirar esse monte de chumbinho com essa tua faca velha? Mas, nem pensar!" O Renato contra-atacou: "É isso, ou não nos deixam mais sair prá caçar com a taquari e, sendo tu piá, Lieze, se souberem da cobra, daí tu não sai nem prá pescar mais!"

O Lieze pensou, mas tava todo sangrando tipo guri que se esfola andando de skate, só que um pouco pior. Resolveu concordar: "Tá bom, mas tu me deixa caçar com a taquari até a gente chegar em casa!" Cruzou a sanga muito sestroso. O Renato pegou a faquinha, lavou bem as feridas do Lieze e começou a tirar os chumbinhos, um por um! Foram contados 35 chumbinhos no couro do Lieze! E 123 "Ai, ai , ai, porco dio!" Mas, cirurgia finalizada, ainda continuaram a empreitada! Caçaram umas sete pombas carijó (Patagioenas picazuro, também chamada pomba- saleiro), daquelas de peito duplo (hoje diria-se que eram transgênicas, mas era só abundância de milho), mais duas trairas grandotas e uns cinco jundiás de bom tamanho também!

Quando chegaram em casa, a Nona, vendo o estado do Lieze, logo perguntou, em Talian: "Cosa ti è successo? È tutto scuoiato?
- (Que foi isso Lieze? Está todo esfolado?)" O Lieze respondeu, saindo logo de cena para que a Nona não o fitasse nos olhos: "Ah, fui cruzar o lajeado da sanga e me esfolei todo! Mas, não foi nada Mamà". A Nona, que de boba não tinha nada, sacou que algo mais tinha acontecido. Mas, diante da euforia do Lieze e do Renato, que já estavam limpando os peixes e as pombas, resolveu fazer de conta que concordava com a justificativa. Mas, como boa mãe que era, resolveu passar um álcool nas feridas do Lieze. Foram ouvidos mais 179 "Ai, ai,ai...", dessa vez sem o "Porco dio!", e a Nona, em Talian: "Quando è il momento di scuoiarti sulla riva del fiume, dubito di aver urlato così tanto!" (Na hora de te esfolar na beira do rio, duvido que tenha gritado tanto assim!)



Trilhas da Ilha Grande

Trails of Ilha Grande
Angra dos Reis - Rio de Janeiro - Brazil









Angra
Mangaratiba
Abraão
Freguesia de Santana
Japariz
Bananal
Matariz
Saco do Céu
Enseada das Estrelas
Enseada do Sítio Forte
Longa
Praia Grande de Araçatiba
Vermelha
Gruta do Acaiá
Enseada das Palmas
Mangues
Pouso
Pico do Papagaio
Farol dos Castelhanos
Reserva Biológica da Praia do Sul
Parque Estadual da Ilha Grande
Santo Antonio
Lopes Mendes
Caxadaço
Aventureiro
Provetá
Parnaioca
Dois Rios
Meros

T1 T2 T3 T4 T5 T6 T7 T8 T9 T10 T11 T12 T13 T14 T15 T16

TRILHAS *TRAILS* · PRAIAS *BEACHES* · POVOADOS *VILLAGES* · CAIS DE ATRACAÇÃO *PIERS*

A Ilha Grande faz parte da Área de Proteção Ambiental de Tamoios (Decreto Lei 9.452-/12/86).
Ilha Grande is part of the Tamoios Environmental Protection Area (Executive Law# 9.452 of 12/86).

	T01	T02	T03	T04	T05	T06	T07	T08	T09	T10	T11	T12	T13	T14	T15	T16
	Circuito do Abraão	Aqueduto Saco do Céu	Saco do Céu Freguesia de Santana	Freguesia de Santana Bananal	Bananal Sítio Forte	Sítio Forte Praia Grande de Araçatiba	Praia Grande de Araçatiba Gruta do Acaiá	Praia Grande de Araçatiba Provetá	Aventureiro Provetá	Abraão Praia dos Mangues Pouso	Pouso Lopes Mendes	Pouso Farol dos Castelhanos	Abraão Pico do Papagaio	Abraão Dois Rios	Dois Rios Caxadaço	Dois Rios Parnaioca
Distância / Distance / Distancia	1.700m	7.900m	3.000m	2.700m	5.100m	6.000m	11.800m (ida e volta)	3.800m	3.600m - (ida e volta)	5.100m	2.000m - (ida e volta)	11.600m - (ida e volta)	8.000m (ida e volta)	14.000m - (ida e volta)	7.000m - (ida e volta)	16.000m - (ida e volta)
Nível / Level / Nivel	Leve / Soft / Leve	Médio / Medium / Medio	Leve / Soft / Leve	Leve / Soft / Leve	Leve / Soft / Leve	Leve / Soft / Leve	Médio / Medium / Medio	Médio / Medium / Medio	Pesada / Hard / Difícil	Médio / Medium / Medio	Leve-Médio / Soft-Medium / Leve-Medio	Leve-Médio / Soft-Medium / Leve-Medio	Pesada / Hard / Difícil	Pesada / Hard / Difícil	Médio / Medium / Medio	Médio / Medium / Medio
Atrativos / Attractions / Atractivos	Mirante da Praia Preta Poção Aqueduto Ruínas do Lazareto	Cachoeira da Feiticeira Manguezal Igreja de Cosme e Damião	Cultivo de Mexilhões Igreja da Freguesia de Santana	Lagoa Azul Cultivo de Mexilhões Igreja do Divino Espírito Santo Mirante do Bananal	Figueira Branca Cultivo de Mexilhões Manguezal Nascente	Cultivo de Mexilhões Cachoeira da Longa Igreja de São Pedro Igreja Nossa Senhora da Lapa	Gruta do Acaiá	Comunidade Evangélica	Igreja da Santa Cruz Praia e Pedra do Demo	Igreja da Praia de Palmas Vista da Enseada do Abraão	Pedras Lopes Mendes Monumento Artístico "Quando o lixo vira Arte"	Fazenda do Peter-Alemão Cultivo de Mexilhões Farol dos Castelhanos	Segundo ponto mais alto da ilha - Mirante 982 metros de altura - Visão panorâmica da bahia da Ilha Grande - Visão das praias Lopes Mendes, Dois Rios, Ilha de Jorge Grego, Saco do Céu.	Mirante Curva da Morte Piscina dos Soldados Ruínas Presídio da Ilha Grande Capela de Nossa Senhora do Bom Despacho	Caminho das Pedras	Toca das Cinzas Igreja Sagrado Coração de Jesus Cachoeira de Parnaioca Ruínas da antiga vila
Praias / Beaches / Playas	Do Consco Preta (presídio)	Iguaçu Camiranga Perequê de Fora Manguezal Do Galo Do Conrado	Do Conrado Do Funil Do Japariz	Praia da Baleia De Baixo Bananal Pequeno Bananal	Matariz Jaconema Passaterra Manguaraçuissaba Do Marinheiro Manguezal Sítio Forte	Tapera Ubatubinha Da Longa Ilhote da Longa Praia Grande de Araçatiba	Araçatiba Itaguaçú Praia Vermelha	Araçatiba Provetá	Provetá Aventureiro	Da Júlia Palmas Mangues Pouso	Pouso Lopes Mendes Santo Antônio	Da Itaoca Da Aroeira Do Recife Dos Castelhanos	Angra dos Reis, Restinga da Marambaia, etc.		Dois Rios Caxadaço Pesqueiro Trinta Reis	Dois Rios Parnaioca